O dom da perseverança

Santo Agostinho

Santo Agostinho

O Dom da Perseverança

Tradução de: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

O dom da perseverança.

Santo Agostinho

Introdução

Neste segundo livro, que se segue ao livro sobre a predestinação e que é dirigido igualmente a Próspero e a Hilário, Santo Agostinho demonstra: 1º que a predestinação na graça de Cristo é verdadeiramente um dom de Deus; 2º que, para manter o ser humano nos sentimentos de uma humildade sincera, é muito útil tornar pública esta verdade.

Capítulo I – O que se entende aqui por perseverança.

1. Em um livro precedente, onde tratamos do começo da fé, dissemos algumas palavras sobre a perseverança; trata-se agora de abordar este assunto de uma maneira mais completa.

Ora, nós pretendemos que a perseverança, pela qual se permanece até o fim com Jesus Cristo, é um dom de Deus. Pela palavra fim, eu designo aqui o término desta vida, onde nós não corremos outro perigo que não seja cair. Enquanto uma pessoa viver nesta terra, nós ignoramos se ela recebeu este precioso dom, pois, se ela vier a cair antes de morrer, logo se diz que ela não perseverou e se diz isso com toda verdade.

Como, com efeito, poder-se-ia dizer que aquele que não perseverou, no entanto, recebeu ou possuiu a perseverança? Se alguém, após ter vivido na castidade, vem a decair deste estado e cair no vício oposto; se ele perde, da mesma maneira, a justiça, a paciência, a própria fé, diz-se com razão que ele a possuía, mas que ele não possui mais estas virtudes. Ele foi casto, ele foi justo, paciente e deixou de ser o que era. Mas, depois que ele deixou de praticar estas virtudes, ele deixou de ser o que era. Como então uma pessoa que não perseverou pôde possuir a perseverança, já que apenas aqueles que possuem este dom, perseveram realmente? E que não venham me apresentar este argumento: se uma pessoa viveu dez anos, por exemplo, desde que abraçou a fé e que sua apostasia data apenas da metade deste tempo, não se pode dizer que ela perseverou durante cinco anos? Se se acredita poder empregar a palavra perseverança neste sentido, eu não discuto sobre palavras, mas não se pode, de nenhuma maneira, dizer que aquele que não perseverou até o fim, possuiu, no entanto, essa perseverança que tratamos aqui e pela qual se persevera realmente até o fim com Jesus Cristo.

Uma pessoa que foi cristã somente durante um ano ou mesmo durante o pouco de tempo que se queira, mas que viveu cristãmente até sua morte, tem muito mais parte nessa perseverança que aquele que, após ter sido cristão durante longos anos, se deixa abalar em sua fé por alguns instantes antes de morrer.

Capítulo II – A perseverança é um dom de Deus. Testemunhos de São Paulo, de São Pedro e de São Cipriano, explicando a oração dominical.

2. Isto estabelecido, vejamos se a perseverança, da qual se diz *Aquele que perseverar até o fim será salvo*[1], é um dom de Deus. Se ela não é um dom de Deus, como o Apóstolo pôde dizer com verdade que *porque a vós vos é dado não somente crer em Cristo, mas ainda por ele sofrer*[2]? Nesta passagem tratam-se de duas coisas diferentes, sendo que uma tem relação com o começo e a outra com o fim e as duas são, no entanto, dons de Deus, pois as Escrituras ensinam que uma e outra foram dadas, como nós já dissemos antes.

Em que momento, com efeito, se começa verdadeiramente a ser cristão, se não é quando, pela primeira vez, se acredita em Jesus Cristo? E, para um cristão, que outro fim melhor do que sofrer por Jesus Cristo?

Ora, com relação à fé em Jesus Cristo, nós encontramos eu não sei que contradição. Pretendeu-se que somente o crescimento da fé e não o começo da fé, devia ser chamado de um dom de Deus. Nós, com a ajuda de Deus, refutamos suficiente e superabundantemente esta opinião[3]. Mas, como se pode dizer que a perseverança até o fim com Jesus Cristo não é um dom, concedido gratuitamente àquele a quem ele deu

---

[1] Mateus 10: 22.
[2] Filipenses 1: 29.
[3] AGOSTINHO. *A Predestinação dos Santos*. 2,4.

de sofrer por Jesus Cristo ou, para empregar uma expressão mais enérgica, àquele a quem ele deu de morrer por Jesus Cristo?

O apóstolo Pedro também estabelece que essa perseverança é um dom de Deus, quando diz que *é melhor padecer, se Deus assim o quiser, por fazer o bem do que por fazer o mal*[4]. Ao dizer *se Deus assim o quiser*, ele mostrou claramente que os sofrimentos sofridos por Jesus Cristo são um dom da parte de Deus, mas um dom que não é concedido a todos os santos, pois, aqueles de quem a vontade divina não exige que eles sofram a prova gloriosa dos sofrimentos corporais, nem por isso deixam de obter o reino de Deus, se eles perseveram até o fim com Jesus Cristo.

Dir-se-á talvez que essa perseverança até o fim com Jesus Cristo não é dada àqueles que morrem com Jesus Cristo, seja pelo efeito de uma doença corporal, seja por causa de uma acidente qualquer, já que esse dom impõe sacrifícios muito mais penosos àqueles que sofrem a morte por Jesus Cristo. A perseverança se torna com efeito, muito mais difícil, quando se é perseguido por pessoas que têm, precisamente, o objetivo de impedir que se persevere e somos, assim, obrigados a sofrer a própria morte para perseverar. Daí se segue que este último tipo de perseverança exige muito mais sacrifícios do que o primeiro. Mas, aquele a quem nada é difícil pode facilmente dar uma e outra. E Deus

[4] 1 Pedro 3: 17.

prometeu as duas, quando disse: *no coração lhes infundirei o temor para que de mim não se venham a afastar*[5]. O que significam estas palavras se não é: o medo de meu nome, que eu colocarei em seus corações, será tão vivo e tão profundo, que eles se prenderão a mim com perseverança?

3. Por que, aliás, pediríamos a Deus essa perseverança, se ela não é um dom concedido por ele? Ou é somente por deboche que lhe pedimos o que sabemos que ele não dá e que o ser humano pode conseguir por ele mesmo, sem obter de Deus? É também por um deboche assim que damos graças a Deus pelo que ele não deu e pelo que ele próprio não fez? Mas, o que eu disse em outro lugar[6], eu digo novamente aqui, seguindo o Apóstolo: *Não vos enganeis: de Deus não se zomba*[7]. Ó homem, Deus é testemunha, não somente de suas palavras, mas até mesmo de seus pensamentos; se você pede com um coração sincero e de boa fé alguma coisa a esse Deus infinitamente rico, creia que você receberá o objeto de seu pedido daquele a quem você o faz. Não o honre apenas com os lábios e não erga seu coração acima dele, acreditando poder encontrar em você mesmo o que finge lhe pedir.

Mas, nós não lhe pedimos essa perseverança? Quem tem essa linguagem não obterá de mim aqui uma refutação em regra; bastará, para

---

[5] Jeremias 32: 40.
[6] AGOSTINHO. *A Predestinação dos Santos*. Seção 39.
[7] Gálatas 6: 7.

derrotá-lo, opor-lhe o testemunho das preces dos santos. Qual é, dentre os santos, aquele que não peça a Deus, para ele mesmo, a graça de perseverar nele, pois, quando eles recitam a oração dominical, ou seja, a oração ensinada pelo Senhor, eles não fazem, por assim dizer, uma demanda que é a da perseverança?

4. Leiamos com um pouco mais de atenção a explicação que deu dessa oração o bem-aventurado mártir Cipriano, em um livro composto por ele sobre este assunto e que tem por título **A Oração Dominical**. Ali você verá a quantos anos foi preparado um antídoto para os venenos que os pelagianos iriam espalhar.

Há três coisas que a Igreja Católica ensina, principalmente contra isso: primeiro, que a graça de Deus não nos é dada em razão de nossos méritos, por que todos os méritos dos justos são dons de Deus, a eles conferidos pela graça divina; em seguida, que ninguém, seja qual for o grau de justiça que ele tenha atingido, conseguiria viver nessa cadeia de corrupção sem cometer absolutamente nenhum pecado; por fim, que os seres humanos nascem culpados do pecado de Adão e marcados com o selo da reprovação, até que a mácula de sua origem seja apagada pelo sacramento da regeneração batismal.

Somente este último ponto não é tratado no livro acima citado do glorioso mártir; mas os outros dois são discutidos ali com uma clareza tal que os heréticos que mencionamos, esses novos inimigos da graça de

Cristo, ali foram refutados sem réplica, muito tempo antes de seu nascimento. Eis em quais termos o bem-aventurado Cipriano defende que, como todos os méritos dos santos, a perseverança não é outra coisa além de um dom de Deus.

Quando dizemos: "Que vosso nome seja santificado", nós não desejamos precisamente que Deus seja santificado por nossas preces; nós lhe pedimos, pelo contrário, que seu nome seja santificado em nós. Por quem, afinal, Deus poderia ser santificado, já que é ele mesmo quem santifica? Mas, por que ele disse expressamente: "Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo"[8]*. Nós lhe pedimos em nossas preces a graça de perseverar naquilo que começamos a ser, quando fomos santificados pelo batismo*[9]*.*

Um pouco adiante, tratando sempre do mesmo tema e querendo nos ensinar a pedir ao Senhor a perseverança (o que seria de sua parte um contrassenso e uma impostura se ele não considerasse a perseverança como sendo também um dom de Deus), ele acrescenta: *Nós pedimos que essa santificação permaneça em nós e para que o Senhor, que é também nosso juiz, defenda aquele a quem ele venha restituir a saúde e a vida, de pecar novamente, sob pena de ser exposto a males ainda maiores*[10]*, nós fazemos essa promessa e essa prece continuamente, nós*

---

[8] Levítico 19: 2.
[9] CIPRIANO. *De Dominica Oratione* 12.
[10] João 5: 14.

fazemos dia e noite esse pedido: que a saúde e a vida comunicadas às nossas almas pela graça de Deus, ali sejam conservadas pela proteção desse mesmo Deus.

Quando então, estando santificados, nós dizemos: *Santificado seja o vosso nome*[11], nós pedimos a Deus, de acordo com o sentimento desse doutor, a perseverança nesse estado. Em outros termos, nós pedimos a Deus para perseverar na santificação. E, com efeito, pedir uma coisa que nós recebemos, não é precisamente pedir que se nos conceda também a graça de jamais perder essa coisa?

Assim, quando um santo pede a Deus para ser santo, ele lhe pede, sem nenhuma dúvida, para permanecer santo. Mas, o que nós falamos aqui sobre a santidade, podemos falar da castidade, da virgindade, da justiça, da piedade e das outras virtudes que afirmamos, ao contrário dos pelagianos, que são dons de Deus. Quando uma pessoa casta, quando uma pessoa virgem, quando uma pessoa justa, quando uma pessoa piedosa pede para ser casta, ser virgem, ser justa, ser piedosa, ela certamente pede para perseverar nos bens que ela sabe que já recebeu. E se ela obtém o objeto de sua demanda, ela recebe por isso mesmo a perseverança, esse dom supremo de Deus que consiste na conservação de todos os outros.

[11] Mateus 6: 9.

5. Quando dizemos: *Venha a nós o vosso reino*[12], nós pedimos alguma outra coisa que não seja o reino que deve __ não duvidemos disso __ chegar para todos os santos e que ele venha para nós também? Consequentemente, aqueles que já são santos não pedem __ aqui também __ outra coisa que não seja a graça de perseverar na santidade que lhes foi dada. O reino de Deus, com efeito, só virá para aqueles com essa condição. Esse reino que deve, sem nenhuma dúvida, vir, não para todas as pessoas, mas somente para aquelas que tiverem perseverado até o fim.

Capítulo III – Terceiro pedido da oração dominical.

6. O terceiro pedido é assim concebido: *Seja feita vossa vontade, assim na terra como no céu*[13]. Ou então, como aparece na maior parte dos textos e como os fiéis recitam mais comumente: "Que vossa vontade seja feita sobre a terra como no céu", ou seja, de acordo com o maior número de intérpretes, que nós façamos sua vontade como os santos anjos a cumprem.

O doutor e mártir Cipriano sustenta que, pelas palavras céu e terra, entende-se o espírito e a carne e, segundo ele, nós pedimos aqui a graça de fazer a vontade de Deus, triunfando sobre as revoltas desta

[12] Mateus 6: 10.
[13] Mateus 6: 10.

contra aquele[14]. No entanto, ele viu nestas palavras um outro sentido, de acordo com a fé mais sã e que nós já expusemos antes[15]. Estas palavras, ele diz, significam que os fiéis já revestidos do homem celestial e aos quais o nome céu se aplica com justeza, rogam pelos infiéis que ainda são terra e que só receberam, em seu primeiro nascimento, o homem terrestre[16].

Ao se expressar assim, ele mostra, da maneira mais evidente, que o próprio começo da fé é um dom de Deus; razão pela qual a Santa Igreja roga não apenas pelos fiéis, para que a fé cresça ou persevere neles, mas também pelos infiéis, para que eles comecem a ter a fé que eles não tinham de maneira alguma e contra a qual seus corações até mesmo alimentam sentimentos hostis.

Mas, não se trata aqui do começo da fé que nós já falamos longamente no livro precedente. Nós discutimos, pelo contrário, essa perseverança que é preciso ter até o fim e que os próprios santos, embora eles realizem a vontade de Deus, ainda pedem, ao dizerem na oração: *Seja feita a vossa vontade*. Pois, como essa vontade já é realizada neles, quando eles pedem que ela continue a se realizar, eles pedem, por isso mesmo, a perseverança naquilo que eles já começaram a ser.

---

[14] CIPRIANO, *De Dominica Oratione* 16.
[15] AGOSTINHO, *A Predestinação dos Santos*, Seção 15.
[16] CIPRIANO, *De Dominica Oratione* 17.

Poder-se-ia, na verdade, dizer aqui que os santos não pedem que a vontade de Deus seja feita no céu, mas sim que ela seja feita na terra como no céu. Em outros termos, que a terra imite o céu, ou seja, que o ser humano imite o anjo, que o infiel imite o fiel e, por isso mesmo, os santos pedem que, o que ainda não é seja e não que o que é persevere. Pois, seja qual for o grau de santidade atingido pelos seres humanos, eles ainda não são iguais aos anjos de Deus e, consequentemente, a vontade de Deus ainda não se realiza neles como no céu. Se este é realmente o sentido dessas palavras, por um lado nós pedimos que todos os seres humanos deixem de ser infiéis para se tornarem fiéis e, então, não se trata da perseverança, mas é o começo que parece ser o objeto de nossos desejos. Mas, por outro lado, nós pedimos também que os seres humanos cumpram a vontade divina com tanta perfeição quanto os anjos de Deus e, quando os santos recitam essas palavras, é evidente que sua prece tem por objetivo a perseverança, pois, ninguém atinge essa beatitude soberana que existe no reino, se não perseverar até o fim na santidade que começou a praticar na terra.

Capítulo IV – Quarto pedido.

7. O quarto pedido é este: *O pão nosso de cada dia nos dai hoje*[17]. O bem-aventurado Cipriano mostra como, também aqui, a perseverança deve ser vista como o objetivo de nossa prece. Ele diz, entre outras coi-

[17] Mateus 6: 11.

sas: *Nós pedimos a cada dia que este pão nos seja dado, com medo de que nós, que estamos com Jesus Cristo e que recebemos todo dia a Eucaristia como alimento da salvação, venhamos cometer alguma falta mais grave e que, estando por esta razão privados do pão celeste e afastados da comunhão, sejamos separados do corpo de Jesus Cristo*[18]. Estas palavras de um homem de Deus, de um santo, mostram claramente que os santos pedem a perseverança com o Senhor, pois eles dizem: *O pão nosso de cada dia nos dai hoje*, para evitar que sejam separados do corpo de Jesus Cristo e que permaneçam constantemente em uma santidade tal que não cometam nenhuma falta capaz de separá-los dele.

Capítulo V – Últimos pedidos.

8. Dizemos em quinto lugar nesta oração: *Perdoe nossas ofensas, assim como perdoamos quem nos tem ofendido*[19]. Esta é a única invocação em que a perseverança não é pedida, pois os pecados que pedimos a Deus que nos perdoe são passados, enquanto que a perseverança, pela qual se obtém a salvação eterna, é necessária à vida presente; não com relação ao tempo já escoado, mas somente com relação ao tempo que deve se escoar ainda até o fim desta vida.

No entanto, não é inútil considerar por um instante como, com relação a esta demanda, as palavras de Cipriano, semelhantes a um dardo

[18] CIPRIANO, *De Dominica Oratione* 18.
[19] Mateus 6: 12.

inflamado, já atingiram mortalmente os heréticos que deveriam nascer muito tempo depois dele. Os pelagianos, com efeito, chegam à temeridade de dizer que o ser humano justo nesta vida não tem absolutamente nenhum pecado e que as pessoas deste tipo formam desde já uma Igreja *sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante*[20] e que é a única e verdadeira esposa de Cristo, como se a Igreja, que sobre toda a superfície da terra repete as palavras *Perdoe nossas ofensas, assim como perdoamos quem nos tem ofendido*, que aprendeu da boca de Cristo, não fosse sua esposa.

Mas, observemos como o gloriosíssimo Cipriano dá um golpe mortal nesses heréticos. Explicando estas palavras da oração dominical, ele diz, entre outras coisas: *Quão necessário é, quão providencial e saudável é nos advertir que somos pecadores e nos obrigar a pedir perdão por nossos pecados, para que, no momento mesmo em que imploramos a misericórdia divina, a lembrança do estado de nossa consciência esteja presente em nossa mente. Para que ninguém se engane acreditando-se inocente e para que o orgulho não nos faça perecer irremediavelmente, somos advertidos, somos lembrados que pecamos diariamente e somos ordenados a pedir diariamente perdão por nossos pecados. Por fim, o próprio São João declara, em uma de suas epístolas, que, "Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós*

[20] Efésios 5: 27.

mesmos e a verdade não está em nós"[21]; mas, seria muito longo citar aqui toda essa passagem.

9. Agora, quando os santos dizem: *Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal*[22], o que eles pedem, se não é a graça de perseverar na santidade? Com efeito, quando os santos obtiveram esse dom de Deus (está suficiente e manifestamente provado que é um dom de Deus, só pelo fato de que ele é pedido), uma vez então que os santos tenham obtido esse dom de Deus, que eles não caiam em tentação e perseverem necessariamente até o fim em sua santidade. Pois jamais se deixa de perseverar em uma conduta cristã sem ter sido antes induzido em tentação. Se então, aquele que pede para não cair em tentação obtém o efeito de sua prece, ele permanecerá certamente, com a ajuda de Deus, no estado de santidade onde foi colocado por uma primeira dádiva de Deus.

Capítulo VI – Não se pode perder, mas se pode obter a perseverança.

10. Vocês me escreveram: *Mas esses irmãos não querem que se diga que essa perseverança não pode ser obtida através de súplicas e*

[21] 1 João 1: 8. CIPRIANO, *De Dominica Oratione* 22, 5-8.
[22] Mateus 6: 13.

nem ser perdida por causa de atos de uma vontade perversa[23]. Eles não prestam aqui uma atenção séria às suas próprias palavras.

Nós tratamos da perseverança pela qual se persevera até o fim; dessa perseverança que se deve considerar como tendo sido dada ou como não tendo sido dada à pessoa, de acordo com o fato de que essa pessoa tenha perseverado ou não até o fim; como nós já explicamos suficientemente acima. As pessoas não devem dizer que a perseverança até o fim foi dada a alguém, a não ser quando esse fim chega e aquele a quem essa perseverança foi dada reconhecidamente perseverou até o fim.

Chamamos de casta uma pessoa cuja castidade nos é conhecida, ou que ela deve manter ou não deve manter essa virtude. Se ela possui algum outro dom da generosidade de Deus que possa ser conservado ou perdido, nós dizemos que ela possui esse dom, pelo tempo que ela o possui realmente; se ela vem a perdê-lo, nós dizemos que ela o possuiu. Quanto à perseverança final, pelo contrário, ninguém a possui a não ser aquele que persevera até o fim. É por isso que muitos podem possuí-la, mas ninguém poderia perdê-la.

Não há que se temer, com efeito, que uma pessoa, após ter perseverado até o fim, venha a nascer nela uma vontade perversa que a impeça de perseverar até o fim. Esse dom de Deus pode, portanto, ser obtido

[23] HILÁRIO. *Carta* 226, 3.

através da súplica, e, quando ele foi dado, ele não pode mais ser perdido por nenhuma desobediência. Quando uma pessoa perseverou até o fim, ela não pode mais perder esse dom e nem os outros que ela poderia perder antes desse fim. Como então se poderia perder uma coisa que torna impossível a perda de algo que, sem ela, poderia ser perdido?

11. E que não venham dizer que a perseverança final não poderia, na verdade, ser perdida, quando foi concedida, ou seja, quando se perseverou até o fim, mas ela pode ser perdida, de uma certa maneira, quando uma pessoa se coloca, com sua desobediência, na impossibilidade de obtê-la; como dizemos de uma pessoa que não perseverou até o fim, que perdeu a vida eterna ou o reino de Deus, não no sentido de que ela já o tivesse recebido e já possuísse a vida eterna, mas no sentido de que ela os teria recebido, se tivesse perseverado. Para que ninguém, então, tenha esta linguagem e para encerrar toda disputa de palavras, reconheceremos que se pode perder certas coisas que não se tem ainda, mas que se espera ter. Mas, quem ousará me dizer que Deus não pode conceder o que ele fez um preceito que o pedissem? Certamente, uma pessoa que raciocinasse assim, eu não diria que lhe faltasse discernimento, eu diria que ela perdeu a razão. Ora, Deus ordenou aos santos que se dirigissem a ele em suas preces e lhe pedissem: *Não nos deixeis cair em tentação*[24]. Portanto, aquele que tem este pedido atendido, não é

[24] Mateus 6: 13.

induzido a uma tentação de desobediência que lhe daria o poder ou que o tornaria digno de perder a perseverança na santidade.

12. Mas, dirão: *O ser humano abandona Deus por sua própria vontade e, por isso, é justamente abandonado por Deus*. Quem pode negar isto? Nós pedimos, pelo contrário, que não caiamos em tentação, precisamente para que isso não aconteça. E, se somos ouvidos, na realidade isso não acontece, pela simples razão de que Deus não o permite, pois nada se faz sem que Deus o faça ou sem que ele permita que se faça. Desta forma, ele tem o poder de desviar as vontades do mal e voltá-las para o bem; de redirecionar aqueles que já se inclinam para cair e de retorná-los para o caminho que lhe agrada.

Não é em vão que se diz: *Ó Deus! Vós nos converteres para nos dar a vida*[25]; *Não permitiu resvalassem nossos pés*[26]; *Senhor, não me entregues ao pecador segundo meus desejos*[27] e, por fim, para não multiplicar as citações, quando uma grande quantidade de textos se apresenta ao seu espírito, não é em vão que se diz: *Não nos deixeis cair em tentação*. Com efeito, quando não se cai em tentação, por isso mesmo não se cai em nenhuma tentação que venha da má vontade própria e aquele que não cai em nenhuma tentação que vem da própria vontade não cai absolutamente em nenhuma tentação. Pois, assim está escrito: *Ninguém,*

[25] Salmo 84: 7. (?)
[26] Salmo 65: 9.
[27] Salmo 139: 9. (?)

quando for tentado, diga: É Deus quem me tenta. Deus é inacessível ao mal e não tenta a ninguém. Cada um é tentado pela sua própria concupiscência, que o atrai e alicia[28]; pelo menos, não uma tentação nociva.

A tentação, com efeito, se torna verdadeiramente útil, quando, ao invés de nos cegar e derrotar, ela serve para nos testar, segundo estas palavras: *Sondai-me, Senhor, e provai-me*[29]. Consequentemente, com relação a essa tentação nociva que o Apóstolo descreve com um único traço (*Receava que o tentador vos tivesse seduzido e resultasse em nada o nosso trabalho*[30]), Deus, como eu já disse, jamais emprega este tipo de tentação. Em outros termos, ele não induz e não faz ninguém cair em tentação, pois, ser tentado e não cair na tentação, não é um mal, é, pelo contrário, um bem, já que é nisto que consiste a prova.

Também, quando pedimos a Deus que *Não nos deixeis cair em tentação*, não pedimos outra coisa que não seja que ele não permita que sejamos tentados. É por isso que muitos fiéis também recitam esta prece: *Não permita que sejamos tentados*. Encontramos também estas palavras em um grande número de textos e o bem-aventurado Cipriano as escreve em seus livros. No entanto, eu encontrei muitas vezes no Evangelho grego somente estas palavras: *Não nos deixeis cair em tentação*.

---

[28] Tiago 1: 13 e 14.
[29] Salmo 25: 2.
[30] 1 Tessalonicenses 3: 5.

Vivemos, portanto, em uma segurança mais do que perfeita, quando nos damos totalmente a Deus, ao invés de apoiar nossa confiança em parte nele e em parte em nós mesmos. Este venerável mártir já tinha compreendido bem isto, pois, explicando estas mesmas palavras da oração, ele diz, depois de muitas outras reflexões: *Quando pedimos em nossas preces para não cair em tentação, somos advertidos de nossa fraqueza e de nossa impotência. Então, com efeito, o objetivo de nossa prece é que ninguém se eleve desmesuradamente, que ninguém atribua qualquer coisa a si mesmo, por orgulho ou por presunção, que ninguém considere como sua a glória, seja de uma confissão feita, seja de um sofrimento suportado. Pois o próprio Senhor diz, para nos ensinar a humildade: "Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca"*[31]*. Quando tivermos feito uma confissão assim, cheia de humildade e de submissão, quando tivermos nos dado inteiramente a Deus, tudo o que pedirmos com uma voz suplicante e com temor a Deus, nos será concedido pela divina misericórdia*[32].

Capítulo VII – Deus quer que se lhe peça a perseverança, em nome de Jesus Cristo.

13. Assim, mesmo que não tivéssemos outra prova, somente essa oração dominical nos bastaria para defender a causa da graça que nós

[31] Mateus 26: 41.
[32] CIPRIANO, *De Dominica Oratione* 26.

defendemos, pois ela não deixa nada para nos glorificarmos como pertencente a nós mesmos. Ela nos mostra, com efeito, que a própria graça de não nos afastarmos de Deus só poderia nos ser dada por Deus, pois é a ele que somos ensinados a pedi-la. Ora, não se afastar de Deus e não cairmos em tentação são uma única e mesma coisa. Mas, essa coisa está absolutamente acima das forças do livre-arbítrio, tais como elas são hoje em dia; ela foi privilégio do ser humano antes de sua queda. A história dos anjos nos ensina que ela foi o poder da livre vontade na perfeição da condição primeira. Quando o demônio caiu com os seus, os anjos permaneceram na verdade e mereceram conseguir essa segurança contra toda queda futura em que estamos certos de que eles vivem hoje em dia. Mas, após a queda do ser humano, Deus quis que sua graça só pertencesse àquele que se aproximasse dele. Ele quis também que sua graça impedisse o ser humano de se afastar dele.

14. Ele colocou a fonte dessa graça naquele através do qual nós obtemos o direito de ser chamados ao cristianismo, após termos sido predestinados, de acordo com os desígnios do autor de todas as coisas. Consequentemente, o mesmo Deus que opera nossa aproximação é aquele que impede nosso afastamento. Foi por isso que o Profeta lhe disse: *Estendei a mão sobre o homem que escolhestes, sobre o homem que haveis fortificado. E não mais de vós nos apartaremos*[33]. Certamente que esse homem não é o primeiro Adão, por causa de quem fomos afas-

[33] Salmo 79: 18 e 19.

tados de Deus; é, pelo contrário, o novo Adão, sobre quem a mão de Deus se estende para nos impedir de nos afastar dele.

O Cristo, com efeito, forma com seus membros um só corpo, por causa da Igreja que é seu corpo e que lhe dá sua integridade perfeita. Assim, quando a mão de Deus se estende sobre ele para nos impedir de nos afastar de Deus, essa ação de Deus (pois podemos chamar assim a mão de Deus) nos atinge também e é graças a essa ação de Deus que, por intermédio de Cristo, nós permanecemos unidos a Deus, enquanto que Adão só fez nos afastarmos dele. Pois é através de Cristo que obtemos nossa vocação, após termos sido predestinados segundo os desígnios daquele que faz todas as coisas. Essa mão, portanto, que nos impede de nos afastarmos de Deus, é a mão de Deus e não a nossa. É a mão daquele que pronunciou estas palavras: *No coração lhes infundirei o temor para que de mim não se venham a afastar*[34].

15. Foi por isso também que Deus quis que lhe pedíssemos para não cair em tentação, pois, se não formos induzidos a isso, não nos afastamos dele de nenhuma maneira. Esse benefício poderia nos ser concedido mesmo sem nenhuma prece de nossa parte, mas ele quis que nossa prece nos lembrasse de quem nós a recebemos. De quem mais nós a recebemos, se não é daquele que estabeleceu um preceito para lhe pedirmos?

[34] Jeremias 32: 40.

A Igreja não tem nenhuma necessidade de esperar que este assunto seja tratado em discussões laboriosas; basta a ela ficar atenta às preces que ela recita todo dia. Ela reza para que os incrédulos se tornem crentes, portanto, é Deus quem converte à fé. Ela reza para que aqueles que têm fé perseverem, portanto, é Deus quem dá a perseverança final. Deus sabia, em sua presciência, que ele faria tudo isso e eis que essa é precisamente a predestinação dos santos, já que ele *Nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, diante de seus olhos. No seu amor nos predestinou para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua livre vontade, para fazer resplandecer a sua maravilhosa graça, que nos foi concedida por ele no Bem-amado. Nesse Filho, pelo seu sangue, temos a Redenção, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça que derramou profusamente sobre nós, em torrentes de sabedoria e de prudência. Ele nos manifestou o misterioso desígnio de sua vontade, que em sua benevolência formara desde sempre, para realizá-lo na plenitude dos tempos - desígnio de reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra. Nele é que fomos escolhidos, predestinados segundo o desígnio daquele que tudo realiza por um ato deliberado de sua vontade*[35].

[35] Efésios 1: 4-11.

Qual é a pessoa atenta e desejosa de não se afastar da fé que admitiria uma só palavra humana contrária a esta linguagem tão precisa e tão solene da verdade?

Capítulo VIII – Deus dá a uns a graça por que ele é misericordioso e a recusa a outros sem ser injusto.

16. Mas, dir-se-á, por que a graça de Deus não é dada segundo os méritos das pessoas? Eu respondo: por que Deus é misericordioso. Acrescentar-se-á: por que então ela não é dada a todos? E aqui eu respondo: por que Deus é juiz. Eis como, por um lado, a graça é dada por ele gratuitamente, enquanto que, por outro lado, seu justo julgamento com relação aos outros mostra o preço do benefício que a graça confere àqueles a quem ela é dada.

Não achamos que seja um mal o fato de que __ de acordo com o beneplácito de sua vontade e para tornar mais impactante a glória de sua graça __ Deus, através de sua misericórdia, livra um grande número de pessoas de uma perdição muito merecida e que ele poderia, sem injustiça, não livrar ninguém. Pois, por causa de um só, todos foram condenados a sofrer um castigo que, longe de ser injusto, está perfeitamente conforme com sua justiça. Aquele que é poupado deve abençoar a graça com amor e aquele que não é poupado deve reconhecer o que merece. Se a bondade se revela na remissão e a equidade no pagamento exigido pela dívida, é, portanto, impossível descobrir em Deus alguma injustiça.

17. Mas, perguntam, por que julgamentos tão diferentes com relação, não apenas a várias criancinhas, mas com relação a várias crianças gêmeas, cuja condição é perfeitamente idêntica? Não poderíamos, com a mesma razão, perguntar também: por que um julgamento idêntico para causas diferentes?

Recordemos daqueles trabalhadores que trabalharam na vinha durante o dia inteiro e aqueles que ali trabalharam somente durante uma hora. As causas ou os trabalhos realizados eram diferentes e, no entanto, quanto ao pagamento do salário, o julgamento foi o mesmo. Aqueles que murmuraram receberam do pai de família uma resposta diferente desta: *Esta é a minha vontade*? Com efeito, sua liberalidade com relação a uns não deu lugar a nenhuma injustiça com relação a outros. É verdade que todos receberam uma recompensa, propriamente dita. Mas, sob o ponto de vista da justiça e da graça, pode-se, com relação ao culpado que é libertado, dizer, com razão, ao culpado condenado: *Toma o que é teu e vai-te. Eu quero dar a este último tanto quanto a ti. Ou não me é permitido fazer dos meus bens o que me apraz? Porventura vês com maus olhos que eu seja bom?*[36]

Se o culpado condenado perguntasse então: *por que não concedes também a mim esse favor*? Ele receberia esta resposta perfeitamente

[36] Mateus 20: 14 e 15.

justa: *Mas quem és tu, ó homem, para contestar a Deus? Porventura o vaso de barro diz ao oleiro: Por que me fizeste assim?*[37]

Você o vê liberal e benfeitor, além de toda medida, com relação a alguns de seus semelhantes, ao mesmo tempo em que exige, no limite da mais rigorosa justiça, o pagamento de sua dívida; mas, certamente, você não o vê injusto com relação a ninguém. Pois ele poderia, sem deixar de ser justo, punir uns e outros. Consequentemente, aquele que é liberado só tem que lhe dar graças e aquele que é condenado não tem o direito de lhe fazer reprovações.

18. *Mas então* __ você dirá __ *se Deus, embora não condene todas as pessoas, devia no entanto mostrar o que todos merecem, para deixar claro o preço do benefício da graça concedida por ele aos vasos de misericórdia. Por que ele me puniria e não a um outro, cuja causa é a mesma que a minha, ou então, por que ele me livraria e não a um outro?* A isto eu não tenho nenhuma resposta e, se você quer saber a razão, eu me confesso impotente em encontrar uma. E, se você me perguntar também a razão dessa impotência, eu te direi que, com relação a isso, assim como sua cólera é justa e sua misericórdia imensa, da mesma forma seus julgamentos são impenetráveis.

19. Você prossegue perguntando: *Por que ele não deu a perseverança final a algumas pessoas que o adoraram sinceramente?* Por que,

[37] Romanos 9: 20.

eu digo, veja se não é por que aquele que não mente diz: *Eles saíram dentre nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, ficariam certamente conosco*[38].

Isto quer dizer que há duas naturezas humanas diferentes? Deus me livre de dizer isso! Se existissem duas naturezas humanas, não haveria nenhuma graça, pela razão de que sua concessão não seria gratuita a ninguém, já que ela seria paga como uma dívida a uma dessas duas naturezas.

Parece às pessoas que todos aqueles que demonstram ser verdadeiros fiéis deveriam receber a perseverança final. Mas Deus julgou que seria melhor misturar ao número determinado de seus santos algumas pessoas que não devem perseverar, para tornar qualquer segurança impossível àqueles a quem não é útil viver isentos de medo no meio das provas desta vida. Estas palavras do Apóstolo reprimem em muitos corações uma funesta tendência ao orgulho: *Portanto, quem pensa estar de pé veja que não caia*[39]. Aquele que, pelo contrário, cai, só deve imputar sua queda à sua própria vontade, enquanto que, aquele que permanece de pé, deve creditar sua firmeza à vontade de Deus. *Poderoso é Deus para o sustentar*[40]. Não é, portanto, a ele mesmo, mas a Deus, que é creditável sua firmeza. Também não é vantajoso se vangloriar, mas

[38] 1 João 2: 19.
[39] 1 Coríntios 10: 12.
[40] Romanos 14: 4.

temer[41]. Nossos próprios pensamentos são a causa imediata de nossas quedas ou de nossa firmeza. Mas, de acordo com algumas palavras de São Paulo, que eu já mencionei no livro precedente, *Não que sejamos capazes por nós mesmos de ter algum pensamento, como de nós mesmos. Nossa capacidade vem de Deus*[42]. O bem-aventurado Ambrósio não teme dizer, apoiado na autoridade do Apóstolo: *Nosso coração e nossos pensamentos não estão em nosso poder*[43]. E, todo aquele que possui uma espiritualidade humilde e sincera deve sentir que isto é perfeitamente verdadeiro.

20. O bispo de Milão escolheu, para expressar isso, um livro escrito por ele sobre a fuga do século, onde ele ensina que essa fuga deve acontecer não no corpo, mas no coração e ele provou que isso só é possível com a ajuda de Deus. Ele diz: *Falamos frequentemente da necessidade de fugir do século e agrada a Deus que nossa solicitude com relação a isso seja tão ativa e tão prudente quanto nossas palavras são abundantes! Mas, o que há de mais deplorável é que o encanto das delícias terrestres se insinua a cada instante em nossas mentes, que se veem assim invadidas por uma multiplicidade de frivolidades e, desta maneira, o pensamento do que procuramos evitar está presente o tempo todo em nossas almas. É difícil para qualquer um se precaver contra*

[41] Romanos 11: 20.
[42] 2 Coríntios 3: 5.
[43] AMBRÓSIO. *De Fuga Saeculi*. 1,1.

esse cerco e é impossível se garantir completamente contra ele. Por fim, o Profeta declara que isso é mais um desejo do que uma realidade: "Inclinai-me o coração às vossas ordens e não para a avareza"[44]*. Nosso coração, com efeito e nossos pensamentos não estão em nosso poder. Eles invadem de uma maneira imprevisível nosso espírito e nossa alma e, depois de terem colocado o problema ali, nos levam para onde não desejávamos ir. Eles nos lembram das coisas do século, nos sugerem sentimentos mundanos, acendem em nós as chamas da volúpia, apresentam aos nossos olhos atrativos sedutores e, no exato momento em que estamos dispostos a elevar nossos espíritos, nos vemos arrastados frequentemente para as coisas da terra, através de pensamentos vãos que nos cativam*[45]*.*

O poder de se tornar filho de Deus não pertence aos seres humanos; portanto, é Deus que o concede[46]. Eles recebem, com efeito, esse poder daquele que faz nascerem no coração humano esses pensamentos pios que inicialmente formam em nós a fé, para que essa fé aja em seguida através de caridades. Mas, para adquirir esse bem precioso e o conservar, para fazê-lo crescer com perseverança até o fim, somos incapazes de formar qualquer ideia por nós mesmo; nosso poder para isso

[44] Salmo 118: 36.
[45] AMBRÓSIO. *De Fuga Saeculi*. Cap. 1.
[46] João 1: 12.

vem de Deus, que tem em seu poder nosso coração e nossos pensamentos.

Capítulo IX – Os julgamentos de Deus são impenetráveis.

21. Assim, de duas crianças igualmente manchadas pelo pecado original, por que uma é escolhida e a outra abandonada? De dois ímpios já avançados na idade, por que um é chamado de tal sorte que ele obedece à voz que o chama, enquanto que o outro, ou não é chamado ou não é chamado desta maneira? A resposta está na impenetrabilidade dos julgamentos de Deus. De duas pessoas pias, pelo contrário, por que a perseverança é dada a esta, enquanto que não é dada àquela? É por que os julgamentos de Deus são ainda mais impenetráveis.

No entanto, os fiéis devem ter como uma coisa totalmente indubitável, que uma dessas duas pessoas está entre os predestinados e a outra não. *Se tivessem sido dos nossos, ficariam certamente conosco*, diz um dos predestinados que aprendeu este mistério no peito do Senhor. O que quer dizer, eu pergunto *Se tivessem sido dos nossos, ficariam certamente conosco*? É que um ou outro não foi criado por Deus? Não tiveram todos Adão como pai e a terra como origem? Não receberam todos daquele que disse *Fui eu que fiz tudo o que respira* uma alma de uma única e mesma natureza? Enfim, um e outro não foram chamados e não obedeceram à voz que os chamou? Ambos não saíram do estado de pe-

cado para entrar no da justiça e não foram renovados nas águas do sacramento da regeneração?

Se o apóstolo São João, que sem dúvida sabia bem o que dizia, se este Apóstolo ouvisse estas questões, ele poderia responder nestes termos: *Estes fatos são incontestáveis e por todas estas razões essas pessoas estavam conosco. No entanto, sob um outro ponto de vista, elas não estavam conosco, pois, se elas estivessem conosco, elas teriam permanecido conosco*. O que é então que as separava de nós? Os livros divinos estão abertos e não desviemos nossos olhares. Ouçamos as palavras enérgicas das Santas Escrituras. Elas não estavam conosco por que não foram chamadas segundo o decreto; elas não foram eleitas em Jesus Cristo antes da formação do mundo; elas não obtiveram através dele um direito de herança; elas não foram predestinadas segundo o decreto daquele que faz todas as coisas. Caso contrário, elas estariam entre elas e, sem nenhuma dúvida, teriam permanecido com elas.

29. Não direi aqui o quanto é fácil para Deus converter à sua fé as vontades humanas as mais afastadas e até mesmo aquelas que lhe são opostas e agir no coração dessas pessoas para impedi-las de se voltar para alguma contradição e se afastar dele, deixando-se vencer por alguma tentação qualquer. Pois ele pode muito bem, de acordo com a expressão do Apóstolo, não permitir que elas sejam tentadas além de

suas forças[47]. Sem falar, então, de tudo isso, Deus, prevendo que essas pessoas deviam cair, podia certamente retirá-las desse caminho antes que sua queda fosse consumada. É preciso retornar mais uma vez a uma questão já esgotada e mostrar novamente o quanto é absurdo pretender que as pessoas, após sua morte, são julgadas até mesmo pelos pecados que Deus previu que elas teriam cometido se tivessem vivido mais tempo? Esta opinião é tão oposta ao sentimento cristão e a todos os sentimentos humanos que dá vergonha até mesmo refutá-la.

Se as pessoas, mesmo que não tenham ouvido o Evangelho, pudessem ser julgadas de acordo com a resistência ou a submissão com a qual Deus previu que elas o receberiam, supondo que ele lhes tenha sido anunciado, por que não dizer também que a própria pregação do Evangelho, que custou e custa ainda hoje em dia aos santos tanto trabalho e sofrimentos, por que não dizer que essa pregação é uma coisa inútil? Tiro e Sidônia não deveriam então ser condenadas, nem mesmo com menos severidade do que aquelas outras cidades que viram, sem acreditar nele, os prodígios operados pelo Senhor Jesus Cristo, pois, se esses prodígios tivessem sido realizados no meio delas, elas teriam feito penitência na cinza e sob o cilício, de acordo com as expressões da pró-

[47] 1 Coríntios 10: 13.

pria Verdade[48], pelas quais o Senhor Jesus nos mostra um mistério de predestinação dos mais profundos.

23. Com efeito, se nos perguntarem por que milagres tão grandes foram operados sob os olhos daqueles que deveriam vê-los sem acreditar em Jesus Cristo e por que, pelo contrário, eles não foram operados entre aqueles que teriam acreditado, se os tivessem visto, o que responderemos? Diremos o que eu já disse no livro onde respondi a seis questões dos pagãos, mas sem prejuízo das outras razões que os homens esclarecidos podem descobrir? Eis, como vocês sabem, a resposta que eu dei a esta questão: por que a vinda de Cristo demorou tantos séculos? *Foi por que Cristo previu que, em todos os séculos e em todos os lugares onde seu Evangelho não foi pregado, essa pregação teria sido recebida como ela foi pela multidão daqueles que, testemunhas de sua existência corporal, não quiseram acreditar nele, mesmo quando ele ressuscitou os mortos*[49]. Eu disse também, um pouco além naquele mesmo livro e para responder à mesma questão: *O que há de espantoso nisso? Cristo viu, nos séculos precedentes, este universo preenchido em geral por infiéis a quem ele não quis que seu nome fosse pregado, pela excelente razão de que ele previu que essas pessoas não acreditariam em suas palavras nem em seus milagres*[50].

---

[48] Lucas 10: 12 e Mateus 11: 21 e 22.
[49] AGOSTINHO. Carta 102, questão 2, 8.
[50] AGOSTINHO. Carta 102, questão 2, 14.

Certamente nos é impossível dizer isto de Tiro e Sidônia e vemos, através delas, que os julgamentos de Deus são fundamentados nas razões ocultas da predestinação, sem prejuízo do que eu disse então, quando respondi daquela maneira. Para nós é fácil acusar a infidelidade dos judeus, pois foi de sua própria vontade que eles se recusaram a acreditar nos prodígios tão espantosos realizados no meio deles. O próprio Senhor lhes dirigiu por causa disso reprovações esmagadoras: *Ai de ti, Corozaim! Ai de ti, Betsaida! Porque se tivessem sido feitos em Tiro e em Sidônia os milagres que foram feitos em vosso meio, há muito tempo elas se teriam arrependido sob o cilício e a cinza. Por isso vos digo: no dia do juízo, haverá menor rigor para Tiro e para Sidônia que para vós!*[51]

Assim, uns serão castigados com mais severidade e outros com mais indulgência, mas todos serão castigados. Ora, se os mortos são mesmo julgados de acordo com o que eles teriam feito, na hipótese de que suas vidas tivessem sido prolongadas, os habitantes de Tiro e de Sidônia que tivessem sido fiéis, no caso de o Evangelho lhes ter sido anunciado com milagres tão espantosos, não deveriam ser castigados. Mas eles o serão certamente e por isso mesmo é falso também que os mortos sejam julgados de acordo com o que eles teriam feito, se o Evangelho lhes tivesse sido anunciado enquanto viviam. E, se isso é falso, também não estamos autorizados a dizer que, com relação às crian-

[51] Mateus 11: 21 e 22.

ças que morrem sem terem recebido o batismo, que esse infortúnio as atinge justamente pela razão de que Deus previu que, caso elas vivessem e o Evangelho lhes tivesse sido pregado, elas obstinariam em não acreditar. Só nos resta, portanto, considerar essas crianças como culpadas do pecado original exclusivamente e como enviadas à danação por este único motivo, embora nós vejamos este mesmo pecado perdoado no sacramento da regeneração e, por um favor totalmente gratuito de Deus, às outras crianças em condição idêntica e que, ao mesmo tempo, por um julgamento oculto, mas justo __ pois não há em Deus nenhuma injustiça[52] __ vemos outras que se encaminham para a perda, vivendo na desordem após o batismo e que são conservadas, no entanto, sobre a terra até que sua perda seja consumada. Mesmo assim, elas não teriam perecido, se a morte corporal, prevenindo sua queda, tivesse vindo em seu socorro.

Ninguém, com efeito, é julgado após sua morte de acordo com o bem ou o mal que teria feito, se a morte não o tivesse atingido. Não fosse assim, os habitantes de Tiro e Sidônia não sofreriam um castigo pelos que eles fizeram, mas, pelo contrário, eles seriam salvos em razão da penitência heroica que eles teriam feito e da fé que eles teriam tido em Jesus Cristo, se os milagres evangélicos tivessem sido operados no meio deles.

[52] Romanos 9: 14.

Capítulo X – Por que o Senhor não fez seus grandes milagres em Tiro e em Sidônia.

24. Um homem que fez seu nome na controvérsia católica, deu outra explicação para esse trecho do Evangelho. Segundo ele, o Senhor previu que os habitantes de Tiro e de Sidônia abandonariam mais tarde a fé, após terem acreditado nos milagres realizados no meio deles e foi mais por um ato de misericórdia que o Senhor não realizou seus prodígios em suas cidades, pois, ao abandonarem a fé, após tê-la abraçado inicialmente, eles teriam merecido um castigo mais rigoroso do que se eles jamais a tivessem abraçado. Eu preciso dizer aqui o que pode haver de mais contestável nessa doutrina de um homem douto e pouco sutil, já que esta mesma doutrina vem apoiar o que nós queremos estabelecer? Pois, se o Senhor, ao operar no meio deles esses milagres, com a ajuda dos quais eles teriam podido chegar à fé; se o Senhor fez com isso um ato de misericórdia e se quis preservá-los do castigo mais rigoroso que eles teriam merecido ao retornar à infidelidade, assim que ele previu que isso aconteceria; está, portanto, suficiente e superabundantemente provado que ninguém, após a morte, é julgado pelos pecados que Deus previu que seria cometido por essa pessoa, caso, por um motivo qualquer, esse mesmo Deus não viesse em seu socorro para impedi-la de cometer os pecados. Então, supondo que esta opinião seja verdadeira, Cristo veio em socorro dos habitantes de Tiro e de Sidônia, preferindo mais não vê-los abraçar a fé do que vê-los em seguida culpados de um

crime muito maior pelo abandono dessa fé, já que ele previu que esse abandono aconteceria, caso eles viessem a acreditar nele.

No entanto, se nos perguntarmos por que Deus não os chamou primeiramente à fé, para em seguida conceder-lhes a graça de sair deste mundo antes de terem renunciado à fé, eu não vejo o que se poderia responder. Pois, ao dizer que ele entendeu como um bem fazer com que aqueles que iriam deixar de crer, que não começassem a possuir uma coisa à qual eles não poderiam renunciar sem se tornarem culpados de um crime mais odioso, é o mesmo que dizer que o ser humano não é julgado por um mal que Deus previu que seria cometido por ele, pois Deus, por um beneplácito real, o impede de cometê-lo. Ele então providenciou a salvação daquele que *Foi arrebatado para que a malícia lhe não corrompesse o sentimento, nem a astúcia lhe pervertesse a alma*[53].

Mas, por que as mesmas medidas não foram tomadas em favor dos habitantes de Tiro e de Sidônia? Por que eles não foram chamados à fé e depois levados deste mundo, para que a maldade não viesse corromper seus espíritos? Aquele que resolveu esta questão desta maneira, talvez pudesse dar uma resposta aqui. Para mim, ficando nos limites do tema, uma coisa me basta, se eu não me engano; é que, mesmo seguindo esta opinião, está demonstrado que os seres humanos não são julgados pelas ações que eles não fizeram, mesmo que Deus tenha previsto

[53] Sabedoria 4: 11.

que eles a teriam feito. Mas, eu já disse e repito, dá vergonha ter que refutar essa opinião, segundo a qual aqueles que a morte atinge ou que já atingiu seriam punidos por pecados que Deus previu que teriam cometido, se uma vida mais longa lhes tivesse sido concedida. Não queremos parecer ter considerado esta opinião como séria, embora tenhamos achado melhor discuti-la e refutá-la do que ignorá-la.

Capítulo XI – A sorte reservada por Deus às criancinhas.

25. Assim então, na expressão do Apóstolo, *a escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*[54]. É Deus que vem em socorro das criancinhas que lhe agradam, independentemente de sua vontade e de seus esforços, contanto que ele as tenha escolhido em Cristo antes da formação do mundo para lhes dar mais tarde a graça gratuitamente, ou seja, sem que elas precedentemente tenham merecido essa graça, seja por sua fé, seja por suas obras. É Deus também que, ao seu bel prazer, recusa seu socorro aos adultos que ele previu que dariam fé em seus milagres, se esses milagres tivessem sido realizados no meio deles, por que em sua predestinação há sobre eles __ de uma maneira oculta, é verdade, mas conforme à justiça __ um julgamento diferente. Não há em Deus nenhuma injustiça, mas seus jul-

[54] Romanos 9: 16.

gamentos são impenetráveis, seus caminhos são inacessíveis[55] e todas as vias do Senhor são de misericórdia e verdade[56]. É portanto por sua misericórdia inacessível que ele tem piedade daquele que lhe agrada, sem nenhum mérito precedente deste e é por sua verdade inacessível que ele endurece aquele que ele quer. Também, é verdade, sem que este o tenha merecido, mas, geralmente, sem que ele o tenha merecido de forma diferente daquele que recebeu sua misericórdia.

Assim, de dois gêmeos, em que um é escolhido e o outro abandonado, o fim é diferente, embora os méritos sejam os mesmos. Mas, neste caso, o primeiro é libertado pela bondade de Deus, sem que o segundo seja condenado por nenhuma injustiça da parte desse mesmo Deus. Pois há nele alguma injustiça? Não, certamente; mas seus caminhos são impenetráveis.

Por isso, acreditemos sem hesitar, que a misericórdia de Deus acontece com relação àqueles que são libertados e sua verdade com relação àqueles que são castigados. Não nos esforcemos para aprofundar no que não pode ser aprofundado e nem penetrar no que é impenetrável. É, com efeito, da boca das criancinhas que Deus recolhe seus louvores mais perfeitos[57]. Vemos, por um lado, crianças cuja libertação não poderia ser atribuída a nenhum mérito precedente de sua parte, enquanto

[55] Romanos 11: 33.
[56] Salmo 24: 10.
[57] Salmo 8: 3.

que, por outro lado, vemos outras cuja danação foi precedida unicamente da falta original comum a todos.

Não hesitemos, de forma alguma, em acreditar que acontece o mesmo com os adultos. Ou seja, não pensemos que a graça seja concedida a cada um segundo seus méritos e nem que alguém seja punido unicamente por que mereceu ser punido, no caso em que há culpabilidade igual entre aqueles que são libertos e aqueles que são punidos, bem como no caso em que a culpabilidade de um difere da culpabilidade do outro. *Portanto, quem pensa estar de pé veja que não caia*[58]. E *quem se gloria,* não se glorie em si mesmo, mas, *glorie-se no Senhor*[59].

26. Mas por que não sofrer, de acordo com as expressões de sua carta, *que a condição das criancinhas seja comparada com a dos adultos*[60], quando se acredita, ao contrário dos pelagianos, na existência do pecado original, que entrou no mundo por causa de um único homem, quando não se duvida que todos tenham sido condenados por causa de um só?[61] Estas últimas máximas são rejeitadas igualmente pelos maniqueus, os quais, não apenas negam toda autoridade aos livros do Antigo Testamento sem exceção, mas também recebem os livros do Novo Testamento de tal sorte que, por um privilégio particular a eles, ou melhor, por um processo sacrílego, eles recebem certas partes dele e rejeitam

[58] 1 Coríntios 10: 12.
[59] 1 Coríntios 1: 31.
[60] Ver carta de Hilário, nº 8.
[61] Romanos 5: 12 e 16.

algumas outras, de acordo com seus caprichos. Foi contra eles que eu, em meus livros sobre **O Livre Arbítrio**, expus raciocínios onde os pelagianos colocam contra nós argumentos sem réplicas. Ora, evitando dar uma solução precisa a certas questões incidentes, mas plenas de dificuldades, eu não tive outro objetivo além de não dar à minha obra uma extensão desmesurada, enquanto que a autoridade das divinas Escrituras não foi para mim de nenhuma ajuda contra adversários tão perversos. De qualquer lado que estivesse a verdade, com relação às questões sobre as quais eu não me pronunciei claramente, eu pude concluir no entanto, de uma maneira certeira, que, em qualquer hipótese, Deus devia ser louvado por todas as suas obras, sem que fosse, de forma alguma, necessário acreditar, como os maniqueus, na mistura das duas substâncias coeternas do bem e do mal.

27. De resto, no primeiro livro de minhas **Retratações** __ obra que vocês ainda não leram __ quando eu busquei corrigir os livros sobre **O Livre Arbítrio**, eu me expressei nestes termos: *Nesses livros, onde um grande número de temas foi discutido, a solução de várias questões incidentes __ seja por que me foi impossível de resolvê-las, seja por que para esmiuçá-las haveria a necessidade de desenvolvimentos muito longos __ foi diferente. Mas, de tal sorte que, seja qual fosse o partido adotado com relação às respostas mais ou menos específicas que pudessem ser feitas e que seria difícil reconhecer o grau de conformidade real com a verdade; de tal sorte, eu digo, que a conclusão de nossos*

raciocínios foi constantemente este: de qualquer lado que esteja a verdade, deve-se acreditar __ ou mesmo está demonstrado ___ que Deus deve ser louvado. Essa discussão foi estabelecida, com efeito, contra aqueles que negam a origem do mal como vindo do livre arbítrio da vontade e que pretendem que, neste caso, Deus deveria ser acusado por ter criado todos os seres. Sendo seu objetivo introduzir __ com esta discussão e conforme seu erro totalmente ímpio (pois eles são maniqueus) __ uma certa natureza má, imutável e eterna como Deus[62].

Um pouco além, eu igualmente acrescentei: *Foi dito em seguida de qual estado infeliz, muito justamente infligido aos pecadores, a graça nos livra; que o ser humano, por ele mesmo, ou seja, por seu livre arbítrio, pode cair, mas não se levantar; que a ignorância e a dificuldade que pesam sobre todo ser humano desde o dia de seu nascimento são efeitos desse estado infeliz ao qual nós fomos justamente condenados; que ninguém está livre de um ou de outro, se não for pela graça de Deus; que, conforme os pelagianos, que negam o pecado original, esse estado infeliz não vem dessa justa condenação e que, mesmo que essa ignorância e essa dificuldade sejam a condição natural primitiva do ser humano, Deus não deveria ser acusado e sim, pelo contrário, ser louvado por causa disso, como demonstramos precisamente no terceiro livro. Essa demonstração, eu disse também, deve ser vista como dirigida contra os maniqueus, que não aceitam os santos livros do Antigo*

[62] AGOSTINHO. *Retratações*. Livro I, cap. 9, no. 2.

Testamento, onde o pecado original é afirmado e que pretendem que as citações do Antigo Testamento que se leem nos escritos dos apóstolos, ali foram introduzidas pela impudência sacrílega de falsários abomináveis, mas que não foram escritas pelas mãos dos apóstolos. Nas controvérsias com os pelagianos, pelo contrário, devemos nos fixar em manter o que uma e outra Escritura ensinam, pois eles confessam admitilas[63].

Eu me expressei assim no primeiro livro das **Retratações**, quando eu revi os livros sobre **O Livre Arbítrio**. Aqui não está, certamente, tudo o que disse lá sobre esses livros, mas, eu creio que seria muito longo inserir uma grande quantidade de outras reflexões nesta obra que lhes dirijo e que, aliás, não me parecem necessárias, como vocês mesmo poderão julgar, eu penso, quando a tiverem lido inteiramente.

Eis então a argumentação que empreguei no terceiro livro sobre **O Livre Arbítrio**, com relação às criancinhas: então, mesmo que seja verdadeiro, como os pelagianos afirmam, que a ignorância e a fraqueza, das quais nenhum ser humano está isento no momento de seu nascimento, sejam a condição primitiva de nossa natureza e não o efeito de um castigo, os maniqueus não estariam menos convencidos do erro, quando proclamam a existência de duas substâncias coeternas, uma boa e uma má. Mas, por que eu usei este raciocínio, isso é motivo para colocar em

[63] AGOSTINHO. *Retratações*. Livro I, cap. 9, no. 6.

dúvida, ou mesmo abandonar a fé que a Igreja Católica defende precisamente contra os pelagianos, quando ela proclama a existência do pecado original, cuja mácula contraída na geração deve ser apagada no sacramento da regeneração? Se então nossos adversários admitem como nós essa verdade, se eles nos ajudam para confrontar o erro dos pelagianos a este respeito, por que eles acham que devem duvidar também de que Deus arranque do poder das trevas e transporte para o reino do Filho de sua caridade[64], mesmo as criancinhas às quais ele dá sua graça através do sacramento do batismo? Por que eles se recusam em celebrar a misericórdia e a justiça do Senhor[65], quando ele dá essa graça a uns e a recusa a outros? Quem então conheceu o pensamento do Senhor[66] e o motivo pelo qual a graça é dada a estes e não àqueles? Quem tem o poder de penetrar o impenetrável e de se erguer até o que é inacessível?

Capítulo XII – A graça de Deus é puramente gratuita.

28. Assim então, fica estabelecido que a graça de Deus não é dada segundo os méritos daqueles que a recebem, mas segundo o beneplácito da vontade divina[67], para o louvor e a glória da própria graça de Deus, para que aquele que se glorifique, não se glorifique em si mesmo, mas

[64] Colossenses 1: 13.
[65] Salmo 100: 1.
[66] Romanos 11: 34.
[67] Efésios 1: 5.

no Senhor[68]. Pois Deus dá aos humanos que lhe agrada, por que ele é misericordioso. Ele poderia não dar e isso seria justiça de sua parte, mas ele não dá àqueles que ele não quer dar, para manifestar as riquezas de sua glória em favor dos vasos de misericórdia[69].

Com efeito, ao dar a alguns o que eles não merecem, ele quer mostrar que sua graça é gratuita e, por isso mesmo, ela é uma graça verdadeira. Ao não conceder esse dom a todos, ele mostra o que todos merecem. Desta forma, a bondade de Deus se revela no benefício concedido a alguns e sua justiça se revela no castigo infligido aos outros. Sua bondade se revela mesmo com relação a todos, no sentido de que é bondade quando se dá a cada um o que lhe é devido. E sua justiça se revela igualmente com relação a todos, quando, sem lesar quem quer que seja, ele dá uma coisa que não era devida.

29. Além disso, sustentamos que a graça é independente de todo mérito. Em outros termos, que ela é uma graça verdadeira, mesmo quando, de acordo com o sentimento dos pelagianos, as crianças batizadas não são arrancadas do poder das trevas, já que, segundo esses mesmos pelagianos, elas não são culpadas de nenhum pecado e seriam somente transferidas para o reino do Senhor. Mesmo neste caso o reino de Deus é dado a alguns sem nenhum mérito de sua parte e negado a outros sem que eles tenham merecido essa privação.

---

[68] 1 Coríntios 1: 31.
[69] Romanos 9: 23.

Esta é a resposta que damos costumeiramente aos pelagianos, quando eles nos dizem que relacionamos a graça de Deus a um cego destino, quando dizemos que ela não é dada de acordo com nossos méritos. Mas, são eles mesmos que, com relação às crianças, relacionam a graça ao destino, pois sustentam que, se não se admite o mérito, é preciso admitir o destino. É impossível, mesmo para os pelagianos, encontrar algum mérito nas crianças que autorize enviá-las para o reino do Senhor ou afastá-las de lá. Eu provei que a graça de Deus não é dada de acordo com nossos méritos e, para fazer essa demonstração, eu considerei ter que admitir, como princípio ou como ponto de partida, tanto uma como a outra opinião; nossa opinião, que afirmamos que as crianças são culpadas do pecado original e a opinião dos pelagianos, que negam a existência do pecado original. No entanto, eu não duvido com isso que as crianças tenham realmente a necessidade do perdão daquele que salva seu povo dos pecados de que é culpado[70]. Pois bem! No terceiro livro sobre **O Livre Arbítrio** eu também combati os maniqueus, examinando tanto uma como outra hipótese; ou seja, que a ignorância e a fraqueza, que não poupam ninguém que vem a este mundo, fossem um castigo ou que elas fossem a condição primitiva da natureza. No entanto, eu considero uma destas opiniões como correta e mostrei isso bem claramente

[70] Mateus 1: 21.

naquele lugar, ao dizer que essa não é a natureza do ser humano tal como ele foi criado, mas é um castigo ao qual ele foi condenado[71].

30. É, portanto, em vão que me apresentam este livro escrito por mim há muito tempo, para me impedir de tratar como devo fazê-lo a questão das crianças e de provar assim, com a evidência de uma verdade totalmente palpável, que a graça de Deus não é dada segundo os méritos humanos. Eu comecei os livros sobre **O Livre Arbítrio** quando ainda era laico e os terminei já padre. Ora, mesmo quando eu duvidei, naquele época, da danação das crianças que não haviam sido batizadas e da libertação daquelas que haviam sido batizadas, ninguém, me parece, seria tão injusto e tão perverso para me impedir de progredir e declarar que eu devo sempre permanecer na dúvida.

Mas pode-se __ e com mais razão __ não ver nestes livros um motivo para acreditar que eu duvidei realmente dessa verdade e eis o porquê: os adversários contra os quais eu dirigi meus esforços me pareceram ter que ser refutados de tal sorte que, supondo a existência de um castigo infligido às crianças por causa do pecado original, o que está conforme à verdade, ou supondo a ausência dessa pena, como muitos acreditam falsamente, foi impossível, no entanto, tanto num caso como no outro, acreditar na mistura de duas substâncias, uma boa e a o outra má, introduzida pelo erro maniqueísta.

[71] AGOSTINHO. *O Livre Arbítrio*. Livro III, cap. 20 e 23.

Deus me livre de abandonar essa questão das crianças e dizer que não é certo para nós que as crianças que morrem após terem sido batizadas em Jesus Cristo obtêm a salvação eterna e que aquelas que não são batizados recebem uma segunda morte. Pois, é impossível dar outra interpretação razoável a estas palavras de São Paulo: *Por isso, como por um só homem entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte, assim a morte passou a todo o gênero humano, porque todos pecaram*[72]. Ninguém __ seja criança, seja adulto __ é entregue à morte eterna, que é o muito justo castigo do pecado, senão por aquele que morreu por nossos pecados, o original e os pessoais, sem ter, ele mesmo, nenhum pecado, nem o original e nem os pessoais. Mas, por que ele livra estes e não aqueles? Diremos e repetiremos, sem nos cansar jamais: *Quem és tu, ó homem, para contestar a Deus?*[73] *Impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos!*[74] E acrescentaremos também este: *Não procures o que é elevado demais para ti; não procures penetrar o que está acima de ti*[75].

31. Vocês vejam então, meus caríssimos, o quanto seria absurdo, o quanto seria contrário à pureza da fé e à saúde da verdade, dizer que as crianças são julgadas após sua morte pelas ações que Deus previu que elas teriam realizado se tivessem vivido. Certo, o senso humano __

[72] Romanos 5: 12.
[73] Romanos 9: 20.
[74] Romanos 11: 33.
[75] Eclesiástico 3: 22.

por menores que sejam os lampejos de razão que ele possua __ e, sobretudo, o senso cristão, repelem energicamente em todas as pessoas esta opinião, mas aquelas pessoas foram levadas a adotá-la irremediavelmente e, mesmo querendo se afastar do erro dos pelagianos, pensaram, no entanto, até o presente, que deviam acreditar e mesmo sustentar em suas controvérsias, que a graça de Deus, através de Jesus Cristo Nosso Senhor, que é para cada um de nós um socorro poderoso após a queda do primeiro humano, por causa de quem somos todos caídos, que essa graça, eu digo, nos é dada segundo nossos méritos. Pelágio, em presença dos bispos do Oriente, reunidos para julgá-lo, condenou precisamente esta opinião, com medo de se ver condenado.

Ora, se não é mais permitido raciocinar assim, com relação às obras boas ou más que os mortos teriam feito, caso uma vida mais longa lhes tivesse sido concedida, obras que, por isso mesmo, não têm nenhuma existência real e que o próprio Deus previu que não existiriam, se, portanto, não se usa mais esta linguagem, cuja falsidade vocês veem, o que nos restará, se não é confessar, com toda obscuridade introduzida pela discussão estando dissipada aos nossos olhos, que a graça de Deus não é dada de acordo com nossos méritos, como a Igreja Católica sustenta contra a heresia pelagiana? O que nos restará, se não é reconhecer que esta verdade é de uma evidência maior ainda com relação às crianças? Deus não se vê, através do destino, na necessidade de vir em socor-

ro de algumas crianças e na impossibilidade de vir em socorro de outras, enquanto que a condição de todas é a mesma.

Ou bem devemos pensar que, no que diz respeito às crianças, as coisas humanas não são dirigidas pela divina Providência, mas pelo acaso, pois se trata aqui da condenação ou da libertação de almas dotadas de razão. No entanto, nem um só passarinho cai por terra sem a vontade de nosso Pai que está nos céus[76]; ou a morte das crianças que não receberam o batismo deve ser atribuída à negligência de seus pais, de tal sorte que os julgamentos de Deus não tomam nenhuma parte nisso, como se essas crianças que morrem dessa morte infeliz, tivessem, por sua vontade própria, escolhido elas mesmas os pais negligentes dos quais deveriam nascer.

Mas, se for assim, o que eu direi quando às vezes uma criança morre antes que se tenha a possibilidade de lhe ser propiciado o benefício do sacramento do batismo? Frequentemente, com efeito, o batismo não é dado a uma criança, apesar da pressa dos pais e quando os ministros já estão prontos para a administração deste sacramento. Isso acontece por que Deus, não querendo que essa criança fosse batizada, lhe recusou um instante de vida necessário para isso. O que eu direi também, quando outras vezes o beneficio do batismo pode ser concedido a crianças nascidas de pais infiéis, para impedi-las de ir à perdição, en-

[76] Mateus 10: 29.

quanto que o mesmo benefício não pôde ser propiciado a crianças de pais fiéis? Estes fatos provam certamente que não há em Deus nenhuma distinção de ninguém[77], caso contrário, ele livraria preferencialmente as crianças de seus servidores do que aquelas de seus inimigos.

Capítulo XIII – A graça é dada absolutamente segundo a vontade de Deus.

32. Mas, já que tratamos agora do dom da perseverança, por que, quando uma criança não batizada vai morrer, Deus não vem socorrê-la e impedi-la de morrer sem o batismo? E quando aquela que é batizada deve cair, por que também ele não vem socorrê-la, fazendo-a morrer antes? Acolheremos também essa alegação absurda de que não há para a pessoa nenhuma vantagem em morrer antes de cair, pela razão de que cada um será julgado segundo as ações que Deus previu que ela realizaria, se sua vida fosse prolongada? Mas quem poderia ouvir com o sangue frio um discurso tão abominável e tão radicalmente oposto aos princípios da fé? Quem poderia suportá-lo? No entanto, aqueles que não querem reconhecer que a graça de Deus não é dada segundo nossos méritos, são forçados a falar assim. Aqueles que, pelo contrário, se recusam a dizer que cada um é julgado, após sua morte, segundo as ações que Deus previu que ele teria cometido, se tivesse continuado a viver, por que veem a falsidade manifesta e o absurdo revoltante de tal doutri-

[77] Romanos 2: 11.

na, estes, eu digo, não têm nenhuma razão para adotar um discurso que a Igreja condenou nos pelagianos e que ela condenou no próprio Pelágio; eles não podem mais sustentar que a graça de Deus é dada segundo nossos méritos. Pois eles veem crianças que não foram regeneradas serem levadas deste mundo para a morte eterna, enquanto que outras que foram regeneradas são atingidas por uma morte semelhante para irem à vida eterna. E, dentre aquelas que foram regeneradas, eles veem umas deixando esta terra após terem perseverado até o fim e outras retidas aqui embaixo até que caiam; embora, evidentemente, sua queda não teria acontecido, se a morte as tivesse atingido antes que sua falta fosse cometida. Pelo contrário, eles veem outras que, após sua queda, continuam a viver até que chegam ao arrependimento; embora, seguramente também, elas teriam perecido, se a morte as tivesse atingido antes de se arrepender.

33. Está provado bem claramente, pelo que foi dito aqui, que a graça de Deus, seja para começar, seja para perseverar até o fim, não é dada segundo nossos méritos, mas sim, segundo a própria vontade de Deus, vontade misteriosíssima, mas também justíssima, sapientíssima e infinitamente liberal, pois *aos que predestinou, também os chamou*[78], com este chamado do qual se diz: *os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis*[79]. Ninguém pode afirmar com certeza que uma pessoa re-

[78] Romanos 8: 30.
[79] Romanos 11: 29.

cebeu este chamado, a não ser quando esta pessoa tiver deixado esta terra. Mas, nesta vida presente, que é uma tentação sobre a terra[80], *quem pensa estar de pé veja que não caia* [81].

Já dissemos acima[82] que, aqueles que não devem perseverar são __ pela vontade de Deus, sempre infinitamente sábia __ misturados àqueles que devem perseverar, para que aprendamos a não aspirar por orgulho as coisas do alto, mas a nos inclinarmos rumo ao que é modesto[83] e buscar nossa própria salvação *com temor e tremor, porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar* [84]. Desta forma, nós queremos realmente, mas é Deus quem nos faz querer que ajamos realmente e é Deus quem nos faz agir, segundo seu beneplácito.

Eis o que nos é útil acreditar e dizer: o discurso da piedade e, ao mesmo tempo, da verdade é uma confissão plena de humildade e de submissão e com o qual atribuímos tudo a Deus. Acreditamos pelo pensamento, é o pensamento que nos torna a palavra possível, é o pensamento que nos faz agir todas as vezes que agimos, mas, em tudo o que diz respeito à via da piedade e do culto a Deus, não somos capazes de formar um só pensamento por nós mesmos; com relação a isso, *nossa*

---

[80] Jó 7: 1.
[81] 1 Coríntios 10: 12.
[82] Cap. VIII, seção 19.
[83] Romanos 12: 16.
[84] Filipenses 2: 12 e 13.

capacidade vem de Deus[85]. *Pois nosso coração e nossos pensamentos não estão em nosso poder*[86]. Foi por isso que Ambrósio, que escreveu estas palavras, também escreveu estas: *Mas, onde está o ser humano suficientemente feliz para ver seu coração se elevar sem cessar? Isso, por acaso, é possível sem a ajuda de Deus? Não, certamente*. Por fim, ele acrescenta: *as mesmas Escrituras dizem, em outro lugar: "Feliz o homem cujo socorro está em vós"*[87], *seu coração se eleva sem cessar*.

Certamente que este discurso não é somente uma lembrança da leitura das santas Escrituras, mas, como se deve acreditar sem hesitar em um homem assim, isso foi a descrição do que Ambrósio experimentou em seu coração. Assim então, quando por ocasião da celebração dos mistérios, diz-se aos fiéis para erguer seus corações até o Senhor, isso se trata de um dom de Deus; dom que o sacerdote, após ter pronunciado estas palavras, os adverte para dar graças ao senhor nosso Deus e eles respondem que isso é adequado e justo[88].

Com efeito, já que nosso coração não está em nosso poder, mas ele precisa ser ajudado por Deus para se erguer e para gostar das coisas do alto __ onde Cristo está sentado à direita de Deus __ e não das coisas que estão sobre a terra, a quem devemos render graças por uma elevação tão grande, se não é para aquele que é o autor dela, ao Senhor nosso

[85] 2 Coríntios 3: 5.
[86] AMBRÓSIO. *De Fuga Saeculi*. Cap. 1, 2.
[87] Salmo 83: 6.
[88] Colossenses 3: 1 e 2.

Deus, que nos livrou, através desse dom, do abismo deste mundo, após nos ter escolhido e predestinados antes da formação do mundo?

Capítulo XIV – O dogma da predestinação não inutiliza a pregação.

34. Mas, dizem nossos adversários, *a definição da predestinação supõe que a pregação é inútil*[89]. Como se a pregação tivesse impedido o Apóstolo de pregar. Esse doutor das nações, de boa fé e com toda sinceridade, não ensinou frequentemente a doutrina da predestinação e, ao mesmo tempo, pregou a palavra de Deus com uma perseverança que jamais foi suplantada? Embora ele tenha dito: *Porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar*[90], ele não nos exortou, no entanto, a querer e a fazer o que é agradável a Deus? Ou então, por que ele disse que *Aquele que iniciou em vós esta obra excelente lhe dará o acabamento até o dia de Jesus Cristo*[91], ele temia, por causa disso, exortar as pessoas a começar e a perseverar até o fim? O próprio Senhor ordenou às pessoas que acreditassem. *Credes em Deus, crede também em mim*[92], ele disse e, no entanto, esta outra máxima e esta outra afirmação, igualmente saídas de seus lábios, nem por isso são falsas e desprovidas de fundamento: *Ninguém pode vir a mim,*

[89] Ver Tomo III das cartas de Santo Hilário e São Próspero.
[90] Filipenses 2: 13.
[91] Filipenses 1: 6.
[92] João 14: 1.

se por meu Pai não lho for concedido[93], ou seja, ninguém acredita em mim, se isso não for concedido por meu Pai, ele disse. E, reciprocamente, por que esta afirmação é verdadeira, não se segue que o mandamento precedente seja ilusório. Por que então acreditaríamos que os ensinamentos, os preceitos, as exortações, as reprimendas que se sucedem sem parar nas divinas Escrituras, se tornam inúteis por causa da doutrina da predestinação, tal como ela é ensinada nas mesmas Escrituras divinas?

35. Alguém ousará dizer que Deus não conhecia antecipadamente a quem ele devia dar a crença, ou aqueles a quem ele devia dar seu Filho, para que este não perdesse um só deles[94]? Mas, se ele teve certamente essa presciência, ele teve necessariamente também a presciência de seus próprios dons, pelos quais ele condescenderia em nos libertar. Ora, esta é precisamente a predestinação dos santos; ela não é outra coisa além da presciência e a preparação dos dons de Deus, pelos quais são infalivelmente libertados todos aqueles que recebem sua libertação. Os outros são, por um justo julgamento de Deus, abandonados, mas unicamente na massa da perdição. Foi desta maneira que os habitantes de Tiro e de Sidônia foram abandonados, embora eles tivessem chegado à fé, se tivessem visto os prodígios admiráveis de Cristo. Mas, por que não lhes foi dado acreditar, os meios de chegar à fé lhes foi igualmente recusados.

[93] João 6: 65.
[94] João 18: 9.

Vemos com isso que certas pessoas receberam de Deus __ e como um dom natural __ uma inteligência que faz o caráter particular de seu espírito e que as leva a crer assim que elas ouvem palavras onde identificam sinais capazes de satisfazer sua razão. No entanto, se, por um julgamento de Deus mais profundo, elas foram predestinadas à graça e separadas da massa da perdição, elas são privadas precisamente dessas palavras ou dessas ações divinas, por meios das quais elas poderiam ter acreditado, caso elas tivessem visto umas ou ouvido as outras.

Nessa mesma massa de perdição foram abandonados os judeus que não puderam acreditar nas ações tão prodigiosas e nos milagres tão impressionantes realizados sob seus olhos. Mas, o Evangelho não guarda silêncio sobre a razão pela qual os judeus não puderam chegar à fé; ele diz: *Embora tivesse feito tantos milagres na presença deles, não acreditavam nele. Assim se cumpria o oráculo do profeta Isaías: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?*[95] E outra razão pela qual eles não puderam acreditar, foi Isaías que também disse: *Ele cegou-lhes os olhos, endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos nem entendam com o coração e se convertam e eu os sare*[96]. Os olhos dos habitantes de Tiro e de Sidônia não foram, portanto, cegados e seus corações não foram endurecidos desta maneira, pois eles teriam acreditado se tivessem visto milagres

[95] João 12: 37 e 38.
[96] João 12: 40.

tais quais aqueles que os judeus testemunharam. Mas não serviu de nada para uns terem podido acreditar, por que eles não foram predestinados por aquele cujos julgamentos são impenetráveis e cujos caminhos são incompreensíveis. E a impotência em que estavam os outros de chegar à fé não teria sido um obstáculo para eles, se eles tivessem sido predestinados de tal sorte que Deus os teria curado de sua cegueira e consentido em lhes remover os corações endurecidos como pedra.

Poder-se-ia talvez dar outra interpretação ao que o Senhor disse sobre os habitantes de Tiro e de Sidônia, mas, quem souber, ao ouvir a palavra de Deus, abrir os ouvidos de seu coração tão bem quanto os de seu corpo, há de reconhecer que ninguém chega a Jesus Cristo senão aquele a quem este dom é concedido e que somente recebem este favor aqueles que foram escolhidos para Jesus Cristo antes da formação do mundo. No entanto, essa predestinação, que está, de resto, bem claramente definida pelas próprias palavras do Evangelho, não impediu o Senhor de pronunciar, com relação ao começo, estas outras palavras que já mencionei acima: *Credes em Deus, crede também em mim.* E, com relação à perseverança, estas: *é necessário orar sempre sem jamais deixar de fazê-lo*[97]. Estas palavras são ouvidas e postas em prática por aqueles a quem este dom foi concedido e não são praticadas por aqueles a quem este dom foi recusado, tenham eles ouvido ou não.

[97] Lucas 18: 1.

Porque a vós é dado compreender os mistérios do Reino dos céus, mas a eles não[98]. Uma coisa é efeito da misericórdia e a outra é efeito da justiça daquele a quem sua alma se dirige nestes termos: *Cantarei a bondade e a justiça. A vós, Senhor, salmodiarei*[99].

36. A pregação da predestinação não deve, portanto, ser um obstáculo à pregação da perseverança e dos progressos na fé, para que aqueles a quem foi dado ouvir, ouçam o que precisam ouvir, pois, *como ouvirão falar, se não houver quem pregue?*[100] E, reciprocamente, a exortação aos progressos e à constância até o último momento na fé, não deve ser um obstáculo à pregação da predestinação, para que aquele que vive fielmente e com obediência, não se orgulhe dessa obediência, mesmo que seja um bem que lhe pertença e que ele poderia não ter recebido e *quem se gloria, glorie-se no Senhor*[101]. *De nada devemos nos glorificar, pois nada nos pertence*[102]. Cipriano reconheceu esta verdade perfeitamente rigorosa e, ao afirmá-la com segurança, ele afirmou com isso mesmo a realidade incontestável da predestinação. Com efeito, se não devemos nos glorificar em nada, por que nada nos pertence, segue-se daí necessariamente que não devemos nos glorificar nem mesmo da perseverança na mais absoluta obediência e que essa obediência não

[98] Mateus 13: 11.
[99] Salmo 100: 1.
[100] Romanos 10: 14.
[101] 1 Coríntios 1: 31.
[102] CIPRIANO. *Ad Quirinus*, 3, 4.

deve também ser chamada de nossa, como se ela não nos tivesse sido dada pelo alto. Consequentemente, essa mesma obediência é um dom de Deus, mas um dom que, como todo cristão confessa, Deus, em sua presciência, previu que devia ser dada por ele àqueles que seriam chamados por essa vocação da qual ele disse: *Os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis*[103].

Esta é, portanto, a predestinação que pregamos com tanta sinceridade e humildade. No entanto, o mesmo Cipriano que ensinou e agiu conforme seus ensinamentos, que não apenas acreditou em Jesus Cristo, mas que perseverou em uma santa obediência até sofrer a morte por Jesus Cristo, esse mesmo Cipriano, embora tenha dito que *De nada devemos nos glorificar, pois nada nos pertence*, nem por isso deixou de pregar o Evangelho, de exortar as pessoas a acreditar, a tornar seus costumes conformes com a piedade e a perseverar até o fim. Ele havia declarado sem nenhuma ambiguidade, com estas palavras, que a graça de Deus é uma graça verdadeira, ou seja, que ela não é dada segundo nossos méritos. E, como Deus previu que ele a daria, essas mesmas palavras são, portanto, evidentemente, uma pregação da predestinação. Ora, se essa pregação da predestinação não impediu Cipriano de pregar também a obediência, ela não deve também nos impedir de fazê-lo.

[103] Romanos 11: 29.

37. Assim, embora digamos que a obediência é um dom de Deus, nem por isso deixamos de exortar a todos a praticá-la. Mas, somente aqueles que ouvem as exortações da verdade com obediência real foram os que receberam de Deus este dote, ou seja, o dom de ouvir com obediência. Aqueles aos quais este mesmo favor não foi concedido, não ouvem desta maneira.

Nem todos, com efeito, vão até Jesus Cristo. Diz ele: *Ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lho for concedido*[104]. E também: *Porque a vós é dado compreender os mistérios do Reino dos céus, mas a eles não*[105]. Em outro lugar, falando da continência, ele diz: *Nem todos são capazes de compreender o sentido desta palavra, mas somente aqueles a quem foi dado*[106]. Por fim, o Apóstolo disse, exortando os esposos à honestidade conjugal: *Pois quereria que todos fossem como eu; mas cada um tem de Deus um dom particular: uns este, outros aquele*[107]. Ele mostrou bem com estas palavras que não somente a continência é um dom de Deus, mas também a castidade conjugal.

No entanto, embora tudo isso seja incontestavelmente verdadeiro, não deixamos de exortar a prática dessas virtudes, na medida em que foi dado a cada um de nós o poder de exortar, pois isto também é um dom

[104] João 6: 65.
[105] Mateus 13: 11.
[106] Mateus 19: 11.
[107] 1 Coríntios 7: 7.

Daquele nas mãos de quem estamos; nós e nossos discursos[108]. Daí estas palavras de São Paulo: *Segundo a graça que Deus me deu, como sábio arquiteto lancei o fundamento, mas outro edifica sobre ele*[109]. E, em outro lugar: *Conforme a medida que o Senhor repartiu a cada um deles: eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer. Assim, nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*[110].

Consequentemente, tanto para exortar quanto para pregar como se deve, é necessário ter recebido o dom. Da mesma forma também, para ouvir com obediência aquele que exorta e prega como se deve, é absolutamente indispensável ter recebido este outro dom. Foi por esta razão que o Senhor, falando para que as pessoas abrissem os ouvidos de seus corpos, disse, no entanto: *Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!*[111], sabendo muito bem que nem todos possuem este tipo de ouvidos. O mesmo Senhor nos ensina de quem os receberam, aqueles que os possuem, quando disse: *Dar-lhes-ei então um coração apto a compreender e dóceis ouvidos*[112]. Os ouvidos para ouvir são, precisamente, o dom de obedecer e eles devem ser dados, para que aqueles que os receberam se

[108] Sabedoria 7: 16.
[109] 1 Coríntios 3: 10.
[110] 1 Coríntios 3: 5-7.
[111] Lucas 8: 8.
[112] Baruc 2: 31.

dirijam àquele a quem podemos ir, se isso nos foi dado mesmo por nosso Pai.

Exortamos e pregamos. Aqueles que têm ouvidos para ouvir nos ouvem com obediência, mas, com aqueles que não têm ouvidos, estas palavras das Escrituras se realizam neles: *Para que, vendo, não vejam e, ouvindo, não ouçam nem compreendam*[113], ou seja, ouvindo com o sentido corporal da audição, eles não ouvem com o consentimento do coração.

Quanto a saber o porquê de uns possuírem ouvidos para ouvir e outros não; em outros termos, por que o Pai deu a estes o dom de ir ao Filho enquanto que a outros isto não lhes foi dado; *Quem pode compreender o pensamento do Senhor? Quem jamais foi o seu conselheiro?*[114] Ou então: *Mas quem és tu, ó homem, para contestar a Deus?*[115] O que é manifesto deve ser negado por que o que está escondido não pode ser compreendido? Quando vemos claramente que uma coisa existe, dizemos que ela não existe por que não podemos descobrir como ela existe desta maneira?

Capítulo XV – Pode-se abusar do dogma da presciência divina, como do dogma da predestinação.

[113] Mateus 13: 13.
[114] Romanos 11: 34.
[115] Romanos 9: 20.

38. Mas, dizem nossos adversários em sua carta, que *ninguém poderia ser estimulado pela reprimenda, se, em presença de uma grande assembleia em uma Igreja, usarmos este discurso: Eis, com relação à sua predestinação, os desígnios bem estabelecidos da vontade de Deus: ele quis que, dentre vocês, uns saíssem da infidelidade e adotassem a fé, após terem recebido a vontade de obedecer; ou então que ele quis que eles permanecessem na fé, após terem recebido o dom da perseverança. Para vocês, pelo contrário, que continuam a praticar os delitos do pecado e se até o presente vocês ainda não abandonaram este comportamento, foi por que a graça misericordiosa ainda não veio socorrê-los e tirá-los desse estado. No entanto, vocês que talvez ainda não foram chamados, se Deus, por sua graça os predestinou para nos escolher, vocês receberão esta mesma graça pela qual desejam e serão realmente eleitos. E a vocês que talvez obedeçam, se foram predestinados para serem rejeitados, as forças necessárias para obedecer lhes serão retiradas, para que deixem de praticar a obediência*[116].

Estas palavras não devem nos fazer temer confessar que a graça de Deus é uma graça verdadeira; em outros termos, que ela não nos é dada segundo nossos méritos e que a predestinação dos santos não tem outra origem que não seja esta graça. Também não temamos confessar a presciência de Deus, mesmo que alguém diga, falando ao povo dessa presciência: "Que seu comportamento seja bom ou mau hoje em dia,

[116] HILÁRIO. *Carta* 226: 2, 5.

você será mais tarde como Deus previu que você seria; bom, se ele previu que você seria bom; mau, se ele previu que você seria mau". Se muitos, após terem ouvido estas palavras, se deixassem tomar por uma apatia descuidada e, sacudindo todo tipo de jugo, se dedicassem sem nenhum controle ao desregramento de suas paixões, devemos por isso olhar como errôneo o que foi dito sobre a presciência divina? É verdade que, se Deus previu que eles seriam bons, eles serão bons realmente, por pior que seja seu comportamento atual e que, se Deus previu, pelo contrário, que eles seriam maus, eles o serão realmente, por melhor que seja, visivelmente, seu comportamento atual?

Houve em nosso monastério um homem que, ao fazer certas coisas que ele não deveria fazer e deixando de fazer outras que devia fazer, respondia aos irmãos que o repreendiam por isso: "Qualquer que seja minha conduta atual, eu serei um dia o que Deus, em sua presciência, previu que eu seria". Seguramente ele dizia a verdade, mas esta verdade não o fazia avançar rumo ao bem. Ele, pelo contrário, fez tanto progresso no caminho do mal que, após ter abandonado a comunidade do monastério, se tornou como um cão de volta à sua matilha e, no entanto, até hoje, não se sabe com certeza o que ele será um dia. Devemos então, para almas deste tipo, negar ou esconder o que se pode dizer com verdade sobre a presciência de Deus, especialmente por que este silêncio não os impediria de cair em outros erros?

Capítulo XVI – Quando se deve pregar e quando se deve omitir a verdade.

39. Há pessoas que não rezam de forma alguma ou que rezam sem fervor, por que aprenderam do próprio Senhor que Deus sabe do que precisamos, mesmo antes que nós o peçamos[117]. Devemos, com relação a pessoas deste tipo, desconsiderar a verdade desta máxima ou, até mesmo, apagá-la do Evangelho? Mas, como é certo, pelo contrário, que Deus preparou certos dons até mesmo para aqueles que não rezam __ como o início da fé e outros dons reservados para aqueles que rezam, como a perseverança final __ é evidente que aquele que acredita ter, por ele mesmo, essa perseverança, não reza para obtê-la. É preciso portanto, tomar cuidado para que, no momento em que tememos que as exortações se tornem cada vez menos calorosas, a chama da prece não se extinga e o fogo do orgulho não se inflame.

40. É preciso, portanto, dizer a verdade; sobretudo quando uma questão colocada exige que ela seja dita e que a entenda quem possa. Depois, ao guardar silêncio, por causa daqueles que não podem compreender a verdade, pode-se privar dela e até mesmo induzir ao erro, aqueles que podem compreendê-la.

É sempre fácil e, às vezes, até mesmo útil, esconder certas verdades, por causa daqueles que são incapazes de compreendê-las, como

[117] Mateus 6: 8.

mostram estas palavras do Senhor: *Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora*[118]. E estas outras de São Paulo: *A vós, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas como a carnais, como a criancinhas em Cristo. Eu vos dei leite a beber e não alimento sólido que ainda não podíeis suportar. Nem ainda agora o podeis, porque ainda sois carnais*[119].

Mas podemos também, de uma certa maneira, ao nos expressarmos, fazer com que o que é dito seja, ao mesmo tempo, leite para as criancinhas e alimento sólido para aqueles que já são de mais idade. Assim, as palavras, *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*[120], qual é o cristão que não pode pronunciá-las e quais são os que podem compreendê-las? Ou então que podem encontrar o que há de mais sublime na santa doutrina? No entanto, ela é repetida nos ouvidos das criancinhas e nos ouvidos das pessoas de mais idade e não se faz segredo delas para as primeiras.

Mas, há também outros motivos para se esconder a verdade e outros que obrigam a dizê-la. Seria muito longo buscar e expor aqui as primeiras. Uma dessas razões, no entanto, é que não é preciso, ao querer tornar mais esclarecidos aqueles que podem compreender, agravar a culpabilidade daqueles que não compreendem e que, ao guardarmos

[118] João 16: 12.
[119] 1 Coríntios 3: 1 e 2.
[120] João 1: 1.

silêncio sobre uma verdade deste tipo, não teriam, na verdade, se tornado mais instruídos e nem teriam também se tornado piores.

Pelo contrário, quando uma coisa, embora verdadeira, pode, no entanto, se a dissermos, tornar pior aquele que não pode compreendê-la e, se nós a escondermos, se voltar contra aquele que pode compreendê-la, o que devemos fazer então? Não é evidente que é preciso então dizer a verdade, para que aquele que pode compreendê-la a compreenda, do que escondê-la, de tal sorte que, não apenas nem um e nem outro a compreende, como também, precisamente aquele cuja inteligência está mais desenvolvida se torna pior por causa de nosso silêncio? Ainda mais que, se ele vem a ouvir e compreender, vários outros logo terão aprendido através dele, pois, quanto maior é a capacidade de aprender, maior é a aptidão para ensinar os outros.

O inimigo da graça trabalha com um ardor infatigável e, através de todos os meios possíveis, tenta fazer crer que a graça nos é dada segundo nossos méritos e, portanto, que a graça não é uma graça[121]. E não vamos dizer o que podemos dizer de acordo com o testemunho das Escrituras? Temeremos escandalizar, se falarmos, aquele que não pode compreender a verdade e não temeremos que, por causa de nosso silêncio, aquele que pode compreender a verdade se torne vítima do erro?

[121] Romanos 11: 6.

41. Ou bem, com efeito, a predestinação deve ser pregada, como ela é claramente expressa nas santas Escrituras, que nos predestinados os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis, ou bem devemos confessar que a graça de Deus é dada segundo nossos méritos, como os pelagianos pensam; embora, como já dissemos várias vezes, lemos a condenação desta opinião pelo próprio Pelágio, nas atas dos bispos orientais[122].

Ora, veja até que ponto aqueles por causa de quem escrevemos neste momento estão afastados da abominável heresia dos pelagianos. Eles não querem ainda confessar, é verdade, que aqueles que, pela graça de Deus, se tornam obedientes e continuam a viver na obediência, sejam predestinados. Mas eles reconhecem, no entanto, que essa graça antecede a vontade daqueles que a recebem. Com isso eles querem dar a entender, não que a graça não seja dada gratuitamente, conforme a linguagem da verdade, mas que ela é dada por causa dos méritos anteriores da vontade, segundo o erro pelagiano, cuja linguagem aqui é diretamente contrária à linguagem da verdade.

Assim então, a graça antecede a própria fé. Não fosse assim, se a graça fosse antecedida pela fé, ela o seria certamente também pela vontade, pois a fé não pode existir sem a ajuda da vontade. E, se a graça antecede a fé, por que precede a vontade, ela precede necessariamente

[122] Atas de Pelágio, nº 30.

toda obediência. Ela precede também a caridade, pela qual somente se obedece a Deus sinceramente e com alegria. E a graça opera todas essas coisas somente naquele a quem ela é dada e em quem ela as antecipou.

Capítulo XVII – O dogma da predestinação não deve também impedir a exortação à virtude, tanto quanto o dogma da graça em geral.

Dentre esses bens se encontra também a perseverança final, que é inútil pedi-la a cada dia ao Senhor, se ela não é obra do próprio Senhor, através da graça naquele cujas preces ele atende. Ora, veja o quanto é contrário à verdade negar que a perseverança até o fim da vida presente seja um dom de Deus, pois é ele quem põe um termo a esta vida, no momento que lhe apraz. E, se ele escolhe fazê-lo no momento que precede uma queda iminente, ele faz com isso a pessoa perseverar até o fim.

Mas a liberalidade e a bondade divinas são mais admiráveis ainda e mais manifestas aos olhos dos fiéis, quando elas dão essa graça até mesmo às criancinhas, cujas idades não permitem receber a obediência. Deus, portanto, sem nenhuma dúvida, previu que daria esses dons, que são sua propriedade, a todos aqueles a quem ele os dá e que foram preparados por ele em sua presciência. Assim, aqueles que ele predestinou ele também chamou[123], com o chamamento que eu frequentemente re-

[123] Romanos 8: 30.

cordo e não me canso jamais e do qual ele disse: *Os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis*[124]. Pois, dispor em sua presciência __ que não está sujeita ao erro e à mudança __ suas operações futuras, é isso que consiste e não outra coisa, da parte de Deus, a predestinação.

Mas, assim como aquele que Deus previu que deve ser casto, sem que ele mesmo esteja certo disso, trabalha, no entanto, para ser casto, da mesma forma aquele que Deus predestinou para ser casto, embora ele também não tenha certeza disso, não se recusa em trabalhar igualmente para sê-lo, sob o pretexto de que soube que o estado futuro de sua alma depende de um dom de Deus. Sua caridade, pelo contrário, encontra um motivo de alegria nessa doutrina e não se ufana[125], como se isso não se tratasse de um dom gratuito. Assim, não apenas a pregação da predestinação não traz nenhum obstáculo a esse trabalho, como também nos ajuda a nos gloriar no Senhor todas as vezes que nos gloriamos[126].

42. O que eu disse sobre a castidade pode ser dito, com toda verdade, da fé, da piedade, da caridade, da perseverança e, para não citar cada virtude em particular, pode-se dizer de todo tipo de obediência a Deus. Mas, aqueles que afirmam que só o começo da fé e a perseverança final estão em nosso poder, que não os veem como dons de Deus, que acreditam que os pensamentos e a vontade necessários para obtê-los

[124] Romanos 11: 29.
[125] 1 Coríntios 13: 4.
[126] 1 Coríntios 1: 31.

e conservá-los não são em nós a obra de Deus e que confessam, no entanto, que as outras virtudes são dons de Deus, concedidos por ele à fé daqueles que os pedem, por que estes não temem que a doutrina da predestinação não seja um obstáculo para a exortação às outras virtudes e para a pregação dessas mesmas virtudes? Eles ousarão dizer que estas não são objeto de predestinação? Mas então elas não seriam dons de Deus ou então Deus não sabia que as daria um dia. Se, pelo contrário, elas são dons de Deus e se, ao mesmo tempo, Deus previu que ele as daria, elas são, necessariamente, objeto de um ato de predestinação de sua parte. Consequentemente, pois eles mesmos fazem exortações à castidade, à caridade, à piedade e às outras virtudes que eles reconhecem que são dons de Deus, pois eles não podem negar que esses dons eram conhecidos antecipadamente por Deus e, por isso mesmo, elas foram objeto de um ato de predestinação, eles não dizem, no entanto, que suas exortações ficam impossíveis pela pregação da predestinação divina, ou seja, pela pregação da presciência de Deus com relação aos dons que ele próprio deveria conceder. Eles reconhecem então também que suas exortações à fé e à perseverança final não se tornam impossíveis por que se diz __ e é perfeitamente verdadeiro __ que uma e outra são sempre dons de Deus, mas dons conhecidos previamente por ele, ou seja, destinados previamente para serem outorgados. Eles reconhecem que essa pregação da predestinação impede e confunde o erro pernicioso segundo o qual a graça de Deus é dada segundo nossos méritos, de

tal sorte que aquele que se gloria deveria se gloriar, não no Senhor, mas em si mesmo.

43. Nosso desejo é de tornar essa verdade totalmente evidente para os espíritos mais lentos e que aqueles a quem foi dada uma inteligência que alcance rapidamente a verdade me perdoem esta continuação. O apóstolo São Tiago diz: *Se alguém de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus - que a todos dá liberalmente, com simplicidade e sem recriminação - e ser-lhe-á dada*[127]. Também está escrito nos Provérbios de Salomão: *Porque o Senhor é quem dá a sabedoria*[128]. E, no Livro da Sabedoria __ cuja autoridade foi invocada por grandes e doutos personagens que estudaram as divinas Escrituras muito tempo antes de nós __ lemos, com relação à continência: *Consciente de não poder possuir a continência*[129]*, a não ser por dom de Deus, (e já era inteligência o saber de onde vem o dom) eu me voltei para o Senhor e invoquei-o)*[130].

Tanto a sabedoria quanto a continência, para não falar das outras virtudes, são, assim, dons de Deus. Até mesmo nossos adversários concordam, pois eles não são pelagianos e não lutam com a malignidade teimosa dos heréticos contra uma verdade tão manifesta. “Mas, para que elas nos sejam dadas por Deus, é preciso que elas sejam merecidas pela

---

[127] Tiago 1: 5.
[128] Provérbios 2: 6.
[129] Na Vulgata a palavra usada é *continens* e na Bíblia em português a palavra usada é *sabedoria*. (Nota do tradutor para o português).
[130] Sabedoria 8: 21. (Vulgata)

fé, cujo começo nos pertence", eles dizem, pois sustentam que o começo da fé e a perseverança até o fim nessa mesma fé nos pertencem, como se não as recebêssemos de Deus. Ora, sem dúvida nenhuma, com isso eles contradizem estas palavras do Apóstolo: *Que é que possuis que não tenhas recebido?*[131] Eles contradizem também estas, do mártir Cipriano: *Não devemos nos glorificar por nada, pois nada nos pertence*[132].

Nós já dissemos tudo isso e muitas outras coisas que seria cansativo repetir. Nós mostramos que o começo da fé, bem como a perseverança até o final são dons de Deus; que Deus não pode deixar de saber previamente os dons que vai conceder e as pessoas às quais ele vai conceder; que, por isso mesmo, aqueles que ele liberta e coroa foram predestinados por ele.

Nossos adversários acreditam ter que responder a isso dizendo que "a doutrina da predestinação torna inútil a pregação, por que, após ter conhecido esta doutrina, ninguém pode mais ser atingido pelos estímulos das reprimendas". Este é seu discurso e, segundo eles "não se deve pregar às pessoas que é por um dom de Deus que se chega à fé e que se persevera na fé, pois se pode, ao invés de exortá-las, levá-las ao desespero, pois pensarão que é impossível à ignorância humana saber a quem Deus concede estes dons e a quem ele os nega". Por que então,

[131] 1 Coríntios 4: 7.
[132] CIPRIANO. *A Quirino*. Livro III, Cap. IV.

eles mesmos, como nós, pregam que a sabedoria e a continência são dons de Deus? E, se pregamos que tanto uma quanto a outra são dons de Deus, sem que as exortações dirigidas às pessoas para levá-las a praticá-las as tornem impraticáveis, qual é a razão de pensar que as exortações pelas quais estimulamos as pessoas a aderir à fé e a permanecer nela até o fim não são mais possíveis, quando declaramos que estas duas coisas são dons de Deus, como o testemunho das divinas Escrituras provam claramente?

44. E, para não falar da continência e para circunscrever o debate nos limites do que se relaciona com a sabedoria, o apóstolo São Tiago, já citado acima, se expressa nestes termos: *A sabedoria, porém, que vem de cima, é primeiramente pura, depois pacífica, condescendente, conciliadora, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, nem fingimento*[133]. Vejam vocês, eu digo, quão numerosos e grandiosos são os bens que a sabedoria trás com ela ao descer do Pai das luzes! Pois, como diz em outro lugar o mesmo apóstolo: *Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima: descem do Pai das luzes*[134].

Por que então, sem falar dos outros, repreendemos os impudicos e os querelantes, ao mesmo tempo em que lhes pregamos que a sabedoria, pudica e pacífica, é um dom de Deus? Como não tememos que, assustados pela incerteza com relação à vontade de Deus, ao invés de uma

[133] Tiago 3: 17.
[134] Tiago 1: 17.

exortação verdadeira, eles entendam isso como um motivo para desespero? Como não tememos que o estímulo de nossas reprimendas, ao invés de estimulá-los contra eles mesmos, não os estimule contra nós, quando os reprovamos por não terem coisas que nós próprios confessamos que não estão no domínio da vontade humana, mas são dons da liberalidade divina? Por que, por fim, a pregação dessa graça não faz o mesmo apóstolo São Tiago deixar de repreender os espíritos inclinados à discórdia e lhes dizer: *Mas, se tendes no coração um ciúme amargo e gosto pelas contendas, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que vem do alto, mas é uma sabedoria terrena, humana, diabólica. Onde houver ciúme e contenda, ali há também perturbação e toda espécie de vícios*[135].

Assim, é preciso repreender os espíritos inquietos. Temos, sobre este ponto, o testemunho das divinas Escrituras e o de nossa maneira de agir com relação a isso, que nos é comum com nossos adversários e, embora preguemos que a sabedoria pacífica __ pela qual são redirecionados e curados os espíritos contenciosos __ é um dom de Deus, isso não torna, de forma alguma, essa reprimenda impraticável.

E é preciso repreender até mesmo aqueles que não tem fé e aqueles que não perseveram na fé. E esta reprimenda não se tornará impossível pela pregação da graça de Deus, segundo a qual a fé e a constância

[135] Tiago 3: 14-16.

na fé são igualmente dons de Deus, pois, embora a sabedoria seja obtida pela fé (o mesmo apóstolo São Tiago, após ter dito que *Se alguém de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus - que a todos dá liberalmente, com simplicidade e sem recriminação - e ser-lhe-á dada*[136], o mesmo Apóstolo acrescenta em seguida: *Mas peça-a com fé, sem nenhuma vacilação*[137].

Por outro lado, embora a fé seja dada antes que seja pedida por aquele a quem foi dada, isso não é razão para dizer que ela não seja um dom de Deus, mas que surge de nós mesmos, por que nos foi dada sem que a pedíssemos. São Paulo diz, em termos bem claros: *Paz aos irmãos, amor e fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo*[138]. A fé vem, portanto, também daquele de onde vem a paz e a caridade. É por esta razão que nós lhe pedimos, não apenas que a aumente naqueles que a possuem, mas também que a dê àqueles que ainda não a possuem.

45. Aliás, aqueles por causa de quem escrevemos neste momento e que sustentam que a pregação da predestinação e da graça torna as exortações impossíveis, esses mesmos, que apenas exortam as pessoas às virtudes que eles dizem que não são dadas por Deus, mas que vêm de nós mesmos, tais como o começo da fé e a perseverança até o final, eles

[136] Tiago 1: 5.
[137] Tiago 1: 6.
[138] Efésios 6: 23.

deveriam, no entanto, fazê-lo e se limitar a exortar à fé aqueles que não acreditam e, à perseverança na fé, aqueles que acreditam.

Quanto às virtudes que eles reconhecem como dons de Deus (e nisto eles se unem a nós para confrontar o erro dos pelagianos), por exemplo a castidade, a continência, a paciência e as outras virtudes necessárias para o bem viver, quanto a estes dons, eu digo, que nós obtemos do Senhor pela fé, nossos adversários deveriam apenas mostrar primeiramente que é preciso pedi-las na prece e, em seguida, pedi-los, seja para eles mesmos, seja para os outros, mas eles não deveriam exortar ninguém a consegui-los e a conservá-los. E, como, pelo contrário, eles o fazem __ tanto que possuem exortações a este respeito __ e como eles confessam que se deve exortar as pessoas a adquirir e conservar essas virtudes, eles mostram muito bem com isso que as exortações, seja à fé, seja à perseverança até o final, não são, de forma alguma, impossibilitadas pelo fato de que pregamos um e outro destes dons de Deus e que ninguém deve atribuí-los a si mesmo, mas a Deus.

46. No entanto, eles dizem “é sempre por sua própria culpa que uma pessoa abandona a fé, por que ela cede e consente com a tentação pela qual ela age ao abandonar a fé”. Quem nega isso? Mas, isso não é uma razão para dizer que a perseverança na fé não é um dom de Deus. Pois, aquele que pede todo dia a perseverança, que repete as palavras *E*

não nos deixeis cair em tentação[139] e é ouvido, ele a recebe. E, pelo fato de que ele pede diariamente a perseverança, é evidente que ele não coloca nele mesmo, mas em Deus, a esperança de sua própria perseverança.

De resto, eu não quero dizer nada de ofensivo e prefiro deixar no ar como deve ser qualificada essa opinião que eles formaram e, segundo a qual, "a pregação da predestinação, ao invés de ser uma exortação verdadeira, é mais uma fonte de desespero para quem a ouve". Isto é ensinar que o ser humano se desespera com sua salvação, já que ele aprende a colocar sua esperança, não nele mesmo, mas em Deus, enquanto que o Profeta clama: *Maldito o homem que confia em outro homem, que da carne faz o seu apoio e cujo coração vive distante do Senhor!*[140].

47. Assim então, esses dons que Deus dá aos eleitos chamados segundo seu decreto; esses dons, dentre os quais se encontram o começo da fé e a perseverança na fé até o término desta vida, como provamos através dos testemunhos tão numerosos da razão e da autoridade; esses dons, eu digo, se a predestinação que defendemos não existe, não foram conhecidos pela presciência divina. Ora, eles o foram, certamente e, por isso mesmo, a predestinação que defendemos existe sem nenhuma dúvida.

---

[139] Mateus 6: 13.
[140] Jeremias 17: 5.

Capítulo XVIII – A presciência e a predestinação.

É por isso que essa mesma predestinação é, algumas vezes, chamada de presciência, como nestas palavras do Apóstolo: *Deus não repeliu o seu povo, que ele de antemão distinguiu!*[141] As palavras *que ele de antemão distinguiu* não podem ser interpretadas de forma diferente deste sentido: "Que ele predestinou". O próprio contexto prova isso claramente; São Paulo falava dos judeus que foram salvos, enquanto que os demais pereceram, pois, ele havia dito antes que o Profeta havia dirigido a Israel estas palavras: *Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo desobediente e teimoso*[142]. E, como se tivessem respondido a São Paulo "Onde estão as promessas feitas por Deus a Israel?", ele logo acrescenta: *Acaso rejeitou Deus o seu povo? De maneira alguma. Pois eu mesmo sou israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim*[143], como se ele dissesse: "Pois eu também sou desse mesmo povo". Ele em seguida acrescenta estas palavras, sobre as quais se apoia nossa argumentação: *Deus não repeliu o seu povo, que ele de antemão distinguiu (præscivit)!*

E, para mostrar que esse resto sobreviveu pela graça de Deus e não pelo mérito de suas obras pessoais, ele continua nestes termos: *Desconheceis o que narra a Escritura, no episódio de Elias, quando*

---

[141] Romanos 11: 2. *Non repulit Deus plebem suam, quam præscivit.*
[142] Romanos 10: 21.
[143] Romanos 11: 1.

este se queixava de Israel a Deus: "Senhor, mataram vossos profetas, destruíram vossos altares. Fiquei apenas eu e ainda procuram tirar-me a vida"?[144] E acrescenta: *Que lhe respondeu a voz divina? Reservei para mim sete mil homens, que não dobraram o joelho diante de Baal*[145]. Deus não diz "Sete mil homens me foram reservados", nem "Sete mil homens estão reservados para mim", mas ele diz "Eu reservei para mim".

São Paulo continua: *É o que continua a acontecer no tempo presente: subsiste um resto, segundo a eleição da graça. E se é pela graça, já não o é pelas obras; de outra maneira, a graça cessaria de ser graça*[146]. Depois, retornando ao que eu mencionei há pouco: *Consequência? Que Israel não conseguiu o que procura. Os escolhidos, estes sim, o conseguiram. Quanto aos demais, foram obcecados*[147].

Por essa eleição, portanto e por esses restos cuja salvação foi o efeito da eleição da graça, ele quis dar a entender o povo que Deus não rejeitou, precisamente por que ele conheceu em sua presciência. Foi essa a eleição pela qual Deus escolheu aqueles que ele quis com Jesus Cristo antes da formação do mundo, para que fossem santos e sem má-

[144] Romanos 11: 2 e 3.
[145] Romanos 11: 4.
[146] Romanos 11: 5 e 6.
[147] Romanos 11: 7.

culas em sua presença e na caridade, predestinando-os para serem adotados como seus filhos[148].

Consequentemente, desde que se compreenda estas palavras, não é mais permitido negar ou mesmo duvidar que São Paulo quis falar da predestinação, quando disse: *Deus não rejeitou seu povo, que ele conheceu em sua presciência*. Ele conheceu, com efeito, em sua presciência, os restos que ele devia reservar segundo a eleição da graça. E eis no que consiste, precisamente, a predestinação, pois, sem nenhuma dúvida, ele conheceu em sua presciência, se ele predestinou e ter predestinado não é outra coisa do que ter conhecido em sua presciência o que ele próprio devia fazer.

Capítulo XIX – A predestinação ensinada por São Cipriano, Santo Ambrósio, São Gregório de Nazianzo.

48. Consequentemente, quando vemos, nos livros de alguns intérpretes da palavra divina, a expressão presciência de Deus e que se trata do chamado aos eleitos, não podemos entender por estas palavras a própria predestinação? Talvez, com efeito, eles tenham achado melhor utilizar esta expressão nessa circunstância, por que, por um lado, ela é mais facilmente compreendida e, por outro lado, longe de ser oposta, ela é totalmente conforme ao dogma da predestinação da graça, tal como ensina a Igreja. Ninguém, eu sei, pôde, a não ser por erro, argumen-

[148] Efésios 1: 4 e 5.

tar contra a predestinação, tal como nós a defendemos, nos apoiando nas santas Escrituras. Mas, eu creio também que, para aqueles que desejam conhecer o sentimento dos autores que trataram deste assunto, os testemunhos tão claros que citamos de Cipriano e Ambrósio, devem bastar. A autoridade desses homens, cuja santidade, fé e conhecimento profundo do cristianismo são conhecidos por todo o universo, deve bastar para convencer, por um lado, que seu dever é acreditar e pregar, de uma maneira absoluta, a gratuidade da graça divina, como se deve realmente acreditar e pregar. Por outro lado, que não se deve olhar essa pregação como oposta àquela pela qual nós estimulamos os preguiçosos ou repreendemos os maldosos, pois esses dois personagens pregaram a graça de Deus. Um, nestes termos: *Não devemos nos glorificar em nada, pois nada nos pertence*[149] e o outro, nestes: *Nosso coração e nossos pensamentos não estão em nosso poder*[150]. No entanto, nem por isso eles deixam de exortar e repreender, com o objetivo de fazer observar os mandamentos de Deus. Eles não temem ouvir: "Por que nos exortam? Por que nos repreendem? Se não nos pertence conseguir nenhum bem e se até mesmo nosso coração não está em nosso poder?" O medo de ouvir tais reprovações não podia se apresentar às suas mentes, por que eles sabiam que é dado somente a um número bem pequeno receber a doutrina da salvação diretamente de Deus ou por intermédio de um

[149] CIPRIANO. *Ad Quirinus*. Livro III, Cap. IV.
[150] AMBRÓSIO. *De Fuga Saeculi*. Cap. I.

anjo celeste, sem ter ouvido nenhuma pregação humana, enquanto que é dado a um grande número receber a fé divina por intermédio dos homens. Mas, seja como for que a palavra de Deus chegue aos ouvidos humanos, é certo que é um dom de Deus ouvir de tal maneira que se obedeça a ela.

49. Foi por isso que esses doutos intérpretes da palavra divina, que mencionamos acima, ensinaram, como se deve crer, que a graça de Deus é uma graça verdadeira; em outros termos, que ela não é precedida por nenhum mérito humano; ao mesmo tempo em que, por outro lado, eles faziam fortes exortações em favor da observação dos preceitos divinos, para que aqueles que tivessem recebido o dom da obediência aprendessem por esse meio a quais ordens deviam obedecer. Pois, se é certo que a graça não é precedida por nenhum mérito de nossa parte, é evidente também que nossas ações, nossas palavras, nossos pensamentos são meritórios todas as vezes que são inspirados por uma boa vontade. Mas Cipriano reuniu em algumas palavras todos os gêneros de méritos, quando disse: *Não devemos nos glorificar por nada, por que nada nos pertence*. E, ao dizer que *Nosso coração e nossos pensamentos não estão em nosso poder*, Ambrósio não quis excluir as ações e as palavras, pois não há nenhuma ação e nenhuma palavra que não proceda do coração e do pensamento. Mas Cipriano, esse mártir tão glorioso, esse doutor cuja linguagem espalha tantas luzes, o que poderia acrescentar ainda, após nos ter advertidos de que somos obrigados, quando recitamos a

oração dominical, a pedir até mesmo para os inimigos da fé cristã? Ele mostra também, nesse mesmo lugar, que, com relação ao começo da fé, seu pensamento é que esse começo é um dom de Deus e, com relação à perseverança final, ele prova que a Igreja de Jesus Cristo pede todos os dias precisamente por que Deus somente concede esse dom àqueles que perseveraram.

O bem-aventurado Ambrósio, explicando estas palavras do Evangelista São Lucas: *Também a mim me pareceu*[151], diz, no mesmo sentido: *O que o Evangelista declara ter visto, pode não ter sido visto somente por ele, pois essa visão não foi somente um ato da vontade divina; ela foi também um efeito do beneplácito daquele que fala em nós, do Cristo que opera em nós, para que o que é bom em si nos pareça bom também para nós, já que ele chama todos de quem tem compaixão. É por isso que, quando se pergunta àquele que segue Cristo, por que ele quis ser cristão, ele pode responder: "Também a mim me pareceu". E, ao se expressar assim, ele não nega que Deus tenha visto a mesma coisa, pois "é Deus quem prepara a vontade humana*[152]*". É, com efeito, pela graça de Deus que Deus é glorificado pelos santos*[153].

Na mesma obra, ou seja, na explicação sobre o mesmo Evangelho, quando ele chegou ao ponto onde é relatado que os samaritanos não

---

[151] Lucas 1: 3.
[152] Provérbios 8: 35. (?)
[153] AMBRÓSIO. Prefácio ao *Comentário sobre São Lucas*. 1, 10.

quiseram receber o Senhor que ia a Jerusalém, ele diz, igualmente: *Aprendam também aqui que o Senhor não quis ser recebido por homens cuja conversão não tinha sido feita com uma simplicidade de espírito verdadeira. Pois, se ele tivesse querido, ele lhes teria dado a piedade que eles não tinham. O próprio Evangelista, aliás, mostrou a razão pela qual os samaritanos não o receberam: "Por ele dar mostras de que ia para Jerusalém"*[154]*, ele diz. Os discípulos, pelo contrário, desejavam ardentemente ser recebidos na Samaria. Mas Deus chama aqueles a quem ele decide conceder esse favor e torna religioso aquele que ele quer*[155]. Que pediremos de mais evidente, de mais manifesto aos outros autores que trataram da palavra de Deus, se desejamos aprender também com eles as coisas que estão claramente contidas nas Escrituras?

Mas, aos testemunhos destes dois autores, que bastariam, vamos acrescentar um terceiro, o de São Gregório, que declara que, acreditar em Deus e confessar essa fé são dois dons de Deus. *Confesse, eu vos peço, a Trindade em um só Deus, ou, se preferir estas outras expressões, diga que a Trindade existe em uma só natureza divina e preces serão dirigidas a Deus, para que o Espírito Santo vos dê a pronúncia dessas palavras*[156], ele diz. Ou seja, preces serão dirigidas a Deus, para

[154] Lucas 9: 53.
[155] AMBRÓSIO. Prefácio ao *Comentário sobre São Lucas*. 7, 27.
[156] GREGÓRIO NAZIANZENO. *Sermão 44*, sobre Pentecostes.

que lhe seja dado por ele o poder de confessar com a boca o que faz objeto de sua crença. *Pois ele lhe dará esse poder, eu tenho certeza disso. Após ele lhes ter dado a primeira coisa, ele dará a segunda*[157]. Aquele que vos deu a crença lhes dará também a confissão dessa crença.

50. Assim, esses doutores, tão grandiosos e tão sábios, dizem que não há nada em que possamos nos glorificar como se fosse de nós mesmos e não recebido de Deus e que até mesmo nosso coração e nossos pensamentos não estão em nosso poder. Eles atribuem tudo a Deus e confessam que recebemos dele a graça de nos converter a ele e de perseverar nesse estado. Eles confessam que recebemos dele a graça de reconhecer como bom o que é bom propriamente e de desejar a graça de glorificá-lo, de receber Cristo, de se tornar devoto e pio após ter vivido sem devoção, de acreditar na Trindade e de confessar com a própria boca o que acreditamos. Enfim, eles atribuem tudo a Deus, reconhecem os dons de Deus e atestam que esses dons nos vêm dele e não de nós mesmos.

Quem poderá dizer que esses doutores, ao mesmo tempo em que confessam desta forma a graça de Deus, ousariam negar a presciência divina, que é confessada não apenas pelas pessoas instruídas, mas até mesmo pelas pessoas mais ignorantes? Se, portanto, eles sabiam, por

[157] Idem, ibidem.

um lado, que esses dons vêm de Deus e se, por outro lado, não ignoravam que Deus viu em sua presciência que ele devia concedê-los e que esse mesmo Deus não podia deixar de conhecer antecipadamente aqueles que deviam recebê-los, eles acreditavam evidentemente na doutrina da predestinação, tal como ela é ensinada pelos Apóstolos e tal como nós a defendemos mais explicitamente e com um cuidado mais minucioso contra novos heréticos.

E, no entanto, quando eles pregavam a obediência e exortavam à prática desta virtude com todo o ardor que eles fossem capazes, ninguém tinha o direito de lhes dizer: "Se você não quer que a obediência, à qual nos estimula de uma maneira tão calorosa, venha a se esfriar em nosso coração, não nos pregue essa graça divina, pela qual você diz que Deus dá as virtudes que você nos exorta a praticar".

51. Consequentemente, se os Apóstolos e os doutores da Igreja que os sucederam e os imitaram fizeram tanto uma coisa como outra, ou seja, se pregaram com sinceridade que a graça de Deus não nos é dada segundo nossos méritos e se, ao mesmo tempo, trabalharam para estimular a prática santa da obediência aos preceitos da salvação, como nossos adversários que, obrigados a se render interiormente à força irresistível da verdade, pensam poder nos dizer interiormente com razão: *Embora o que se diz sobre a predestinação dos benefícios de Deus seja*

verdadeiro, não se deve, no entanto, pregar isso às pessoas[158]? Certamente que é preciso pregá-lo, para que *Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!*[159] Mas, quem é que tem ouvidos para ouvir, se não é aquele que os recebeu Daquele que diz: *Dar-lhes-ei então um coração apto a compreender e dóceis ouvidos*[160]. Certamente que aquele que não os recebeu pode rejeitar o que ouvir; mas aquele que compreende deve recolher estas palavras e se alimentar com elas; ele deve se alimentar com elas e tirar sua vida delas.

Deve-se pregar a santidade para que aquele que tem ouvidos para ouvir preste o devido culto a Deus; deve-se pregar a castidade, para que aquele que tem ouvidos para ouvir não faça seus membros servirem para alguma ação desonesta; deve-se pregar a caridade para que aquele que tem ouvidos para ouvir ame Deus e o próximo; mas é preciso também pregar a predestinação dos benefícios de Deus, para que aquele que tem ouvidos para ouvir não se glorifique em si mesmo, mas no Senhor.

Capítulo XX – Antes mesmo da heresia de Pelágio, Agostinho ensinava a predestinação.

52. Nossos adversários dizem também: *Não é necessário __ por causa da incerteza que uma questão deste gênero provoca __ jogar o problema no coração de uma massa de pessoas cuja inteligência é limi-*

[158] HILÁRIO. *Carta* 226, 2 e PRÓSPERO. *Carta* 225, 3.
[159] Lucas 8: 8.
[160] Baruc 2: 31.

tada, pois, sem essa doutrina da predestinação, a fé católica não foi defendida com menos vantagens durante muitos anos, contra estes e aqueles heréticos, mas, sobretudo contra os pelagianos, por uma grande quantidade de livros escritos por católicos ou não católicos e por aqueles que nós mesmos escrevemos também[161] .

Eu fico deveras espantado que eles tenham esse discurso. Como eles podem se esquecer, sem falar dos outros, os livros que nós mesmos escrevemos e publicamos antes do surgimento dos pelagianos? Como não veem que em muitos lugares desses livros nós, sem mesmo saber que ela devia existir, golpeamos mortalmente a heresia pelagiana, ao pregar a graça pela qual Deus nos liberta de nossos erros e de nossos maus costumes, sem nenhum mérito precedente de nossa parte e somente por um ato de sua misericórdia totalmente gratuita? Isso foi, com efeito, o que eu comecei a desenvolver de uma maneira mais completa na discussão escrita que dirigi a Simpliciano, de feliz memória, bispo da Igreja em Milão, no começo de meu episcopado, quando eu descobri que o começo da fé é um dom de Deus e ensinei isso expressamente[162].

53. Dentre meus opúsculos, há algum que tenha sido lido mais vezes e com mais interesse do que minhas **Confissões**? Embora eu os tenha publicado antes do nascimento da heresia pelagiana, certamente que ali eu disse ao nosso Deus e o disse muitas vezes: *Dê o que ordena*

[161] HILÁRIO. *Carta* 226, 8.
[162] AGOSTINHO. *A Predestinação dos Santos*. Cap. 4 e 8.

e ordene o que queira[163]. Estas palavras escritas por minha mão foram citadas em presença de Pelágio em Roma, por um de meus irmãos, meu colega no episcopado. Pelágio não pôde suportá-las e colocou em sua réplica uma vivacidade tal que quase saiu no braço com aquele que as havia citado.

Mas, o que é que Deus nos ordena primeiramente e acima de tudo, se não é acreditar nele? É, portanto, ele mesmo que dá precisamente essa graça, se eu tenho razão em lhe dizer *Dê o que ordena e ordene o que queira*. E quando, nestes mesmos livros, eu contei a história de minha conversão[164], quando eu relatei que fui convertido por Deus à mesma fé contra a qual eu antes dirigia os dardos impotentes e sem cessar renovados de minha verborragia furibunda, não se recordam que minha narrativa dizia claramente que minha salvação tinha sido concedida por causa das lágrimas sinceras e cotidianas de minha mãe? Nos mesmos lugares também eu declarei em alto e bom som que Deus, através de sua graça, converte à verdadeira fé, não apenas as vontades humanas que estão afastadas, mas até mesmo aquelas que são inimigas dessa fé.

Quanto aos progressos na perseverança, vocês sabem __ e se vocês quiserem podem se convencer disso novamente __ como eu pedi a Deus que me a concedesse. Assim, todos os dons de Deus que foram nessa obra objeto de minhas confissões ou de meus louvores, quem ou-

---

[163] AGOSTINHO. *Confissões*. Livro X, cap. 19, 31 e 37.
[164] Idem. Livro III, cap. 11 e 12 e Livro IX, cap. 8.

saria, eu não digo negar, mas somente duvidar que Deus, em sua presciência, soube que devia concedê-los? Ora, esta é a predestinação manifesta e incontestável dos santos. Predestinação que nós, mais tarde, precisamos defender de uma maneira mais completa e com mais cuidado, já que discutimos com os pelagianos.

Nós aprendemos que cada heresia em particular fez nascer no seio da Igreja discussões especiais nas quais foi preciso defender as divinas Escrituras com mais cuidado do que teríamos se não tivéssemos que fazê-lo por motivos deste gênero. E, se fomos obrigados a defender com mais desenvolvimentos e mais esclarecimentos, na presente obra, as passagens das Escrituras onde a predestinação é ensinada, não foi precisamente por que os pelagianos sustentam que a graça de Deus é dada segundo nossos méritos? Doutrina que evidentemente não é outra coisa além da negação completa da graça?

Capítulo XXI – Que ingratidão é negar a graça!

54. É, portanto, para destruir essa opinião contrária ao reconhecimento que devemos a Deus e contrária aos benefícios gratuitos pelos quais ele nos liberta, é por isso que, segundo as Escrituras __ de onde já retiramos tantas provas __ nos estabelecem que o começo da fé e a perseverança até o fim na fé, são dons de Deus. Pois, se dissermos que o começo da fé vem de nós e que, por que começamos, merecemos receber os outros dons de Deus, os pelagianos concluem daí que a graça de

Deus nos é dada segundo nossos méritos; doutrina que repugna tanto a fé católica que Pelágio a condenou para ele próprio não ser condenado.

Da mesma forma, se dissermos que nossa perseverança vem de nós mesmos e não do Senhor, eles respondem que o começo da fé vem de nós mesmos tanto quanto o fim e eis como eles raciocinam para prová-lo: se podemos por nós mesmos perseverar até o fim na fé, com mais forte razão podemos por nós mesmos também começar a acreditar, pois é mais difícil dar a uma coisa sua última perfeição do que começá-la; eis como eles, às vezes, pretendem estabelecer que a graça de Deus é dada segundo nossos méritos.

Se, pelo contrário, ambos são dons de Deus e se Deus soube em sua presciência que ele daria um dia esses dons que lhe pertencem (quem ousaria afirmar que ele não sabia isso?), deve-se, portanto, pregar a predestinação, para poder demonstrar, através de provas inatacáveis, que a graça de Deus é uma graça verdadeira, ou seja, que ela não nos é concedida segundo nossos méritos.

55. Na verdade, no livro intitulado **A Correção e a Graça**[165] e cujos exemplares não foram suficientes para todos os nossos amigos, eu creio ter declarado que a perseverança final é um dom de Deus, em termos mais explícitos e mais claros, se minha memória não me engana, do que em qualquer outro; ou, pelo menos, em quase nenhum outro de

[165] AGOSTINHO. *A Correção e a Graça*. Cap. 10, seção 26.

meus escritos anteriores. Mas, para ensinar a mesma doutrina hoje em dia, me basta repetir o que outros disseram antes de mim.

O bem-aventurado Cipriano, ao explicar, como nós já mostramos, os pedidos que fazemos na Oração Dominical, disse que, já no primeiro pedido a perseverança é objeto de nossa prece. Ele afirmou que, ao dizer __ após já ter sido santificado pelo batismo __ *Santificado seja vosso nome*[166], nós pedimos precisamente perseverar no que já começamos a ser.

No entanto, que aqueles a quem não posso desagradar, por que me deram seu afeto e que, como vocês me escreveram, confessam abraçar todo meu sentimento, mesmo nas coisas estranhas à questão presente; que estes, eu digo, vejam se, nas últimas partes do primeiro dos dois livros que escrevi para Simpliciano, bispo de Milão, no começo de meu episcopado, antes do nascimento da heresia pelagiana, se há alguma passagem onde seria colocada em dúvida a verdade do princípio de que a graça de Deus não é dada segundo nossos méritos; que eles vejam se eu não estabeleci de maneira suficiente naquele lugar, que o começo da fé é também um dom de Deus; se, embora eu não tenha dito em termos expressos, não salta do conjunto de minhas palavras que a perseverança final é dada somente por aquele que nos predestinou para seu reino e para sua glória.

[166] Mateus 6: 9.

Além disso, a própria carta que escrevi para São Paulino, bispo de Nola __ contra os pelagianos, é verdade, mas sem que ela tenha sido até agora objeto de nenhuma contradição da parte de nossos adversários __ não foi publicada por mim há tantos anos? Que eles leiam também aquela que dirigi a Sixto, sacerdote da Igreja romana, quando a luta entre os pelagianos e eu estava em seu auge e eles a acharam semelhante àquela que foi dirigida a Paulino. Eles reconhecerão ali que, para meu grande espanto, o que lhes desagrada hoje foi dito e colocado por escrito há muitos anos já contra a heresia pelagiana.

Eu não pretendo, no entanto, que se deva abraçar todos os meus pontos de vista e me tomar como guia, mesmo nas coisas onde se reconheça que eu não estou errado, pois eu escrevo hoje livros em que busco rever minhas fracas obras, precisamente para mostrar que eu mesmo algumas vezes variei em meus ensinamentos. Eu creio, pelo contrário, pela misericórdia de Deus, ter feito progressos ao escrever e não ter começado pela perfeição. Haveria em minhas palavras mais presunção do que verdade, se mesmo hoje em dia eu dissesse que, nesta idade avançada, eu consegui, por fim, escrever de uma maneira perfeita e sem nenhum erro. O que é importante, pelo contrário, é saber até onde vai um erro e no que ele consiste; é saber também com que facilidade esta ou aquela pessoa corrige seu erro, ou com qual teimosia ela se esforça para sustentá-lo. Há, com efeito, para um homem que o último dia de sua vida encontra caminhando na via do progresso, esperança de que a

morte lhe dê o que ele ainda não conseguiu, apesar de seus esforços e que o Julgamento lhe propicie sua última perfeição e não seu castigo.

56. É por isso que eu não me permito ser ingrato a homens que me deram sua afeição e, por que meus trabalhos foram para eles de uma certa utilidade, quanto mais razão ainda eu tenho de não ser ingrato a Deus, que não amaríamos, se ele próprio não nos tivesse amado antes e não nos tivesse concedido a graça de amá-lo? Pois *o amor vem de Deus*[167], como foi dito por pessoas a quem ele deu, não apenas ter por ele um amor ardente, mas também serem grandes pregadores de sua palavra.

Ora, existe ingratidão mais odiosa do que negar a graça de Deus, ao dizer que ela é dada segundo nossos méritos? A fé católica repeliu com horror essa doutrina ensinada pelos pelagianos; ela fez contra Pelágio o tema de uma acusação capital; o próprio Pelágio a condenou; não, é verdade, por amor à verdade de Deus, mas por medo de sua própria condenação.

No entanto, embora tenha, como todo católico fiel, horror de dizer que a graça de Deus é dada segundo nossos méritos, não devo também deixar de acreditar na graça de Deus, pela qual se obtém misericórdia para se tornar fiel e, além disso, deve-se atribuir igualmente à graça de

[167] 1 João 4: 7.

Deus a perseverança final, pela qual se obtém a misericórdia para não ser induzido em tentação, como pedimos a cada dia em nossas preces.

Por outro lado, os dons pelos quais levamos uma vida regular e que, de acordo com nossos próprios adversários, são concedidos gratuitamente por Deus à nossa fé, esses dons são como laços intermediários entre o começo da fé e a perfeição da perseverança. Ora, Deus sabia, em sua presciência, que ele daria àqueles que são chamados por ele para todas essas coisas, saber do começo da fé e dos outros dons que ele concede até o fim. É, portanto, por uma teimosia incompreensível que se ousa contradizer a doutrina da predestinação ou colocar em dúvida uma verdade tão incontestável.

Capítulo XXII – A maneira de pregar ao povo a predestinação.

57. Não é preciso, no entanto, pregar essa doutrina às pessoas, de tal sorte que, aos olhos da massa ignorante ou cuja inteligência é muito pouco desenvolvida, ela parece ser oposta ao objetivo que ela tem em vista e até mesmo pareceria que se refuta a doutrina da presciência de Deus (doutrina que nossos adversários não podem certamente rejeitar), se disséssemos às pessoas: “Seja correndo, seja dormindo, você será como você foi visto na presciência daquele que não pode se enganar”. Não cabe a um médico charlatão ou ignorante fazer de um remédio útil uma aplicação que não serve para nada ou que se torne até mesmo noci-

vo. Eis, pelo contrário, o discurso que se deve ter: "Corra de tal sorte que você ganhe o prêmio"[168] e aprenda, com essa corrida, que você foi visto previamente completando-a com sucesso[169]. Pode-se igualmente, ao pregar a presciência de Deus, utilizar qualquer outro discurso, desde que não pareça autorizar as pessoas a permanecer ociosas e preguiçosas.

58. Assim, de acordo com os desígnios bem estabelecidos da vontade divina com relação à predestinação, uns devem deixar de ser infiéis um dia e, após terem recebido a vontade de obedecer, se converterão à fé ou perseverarão na fé; outros, pelo contrário, retidos até o presente nas delícias culpáveis do pecado, se também foram predestinados, eles não saíram ainda deste estado por causa da graça que, mesmo sendo misericordiosa, ainda não os atraiu. Pois, se alguns daqueles que foram predestinados pela graça de Deus ainda não foram chamados, eles receberão, certamente, essa mesma graça que lhes dará a vontade de serem eleitos e de sê-lo realmente. Se alguns outros, pelo contrário, obedecem, mas sem terem sido predestinados para o reino de Deus e para sua glória, sua fidelidade é apenas temporária e eles não perseverarão até o fim nessa obediência.

No entanto, embora tudo isso seja verdadeiro, não se deve __ quando se expõe essa doutrina diante de uma massa de ouvintes __ se

---

[168] 1 Coríntios 9: 24.
[169] Cf. 2 Timóteo 2: 5. *Nenhum atleta será coroado, se não tiver lutado segundo as regras.*

dirigir diretamente a eles e repetir diante deles estas palavras de nossos adversários, inseridas por vocês em suas cartas e que eu próprio reproduzo aqui: *Os desígnios bem estabelecidos da vontade divina, com relação à predestinação, foram que, alguns de vocês, deixando de ser infiéis e recebendo ao mesmo tempo a vontade de obedecer, chegam à fé*. Qual a necessidade de dizer *alguns de vocês*, quando falamos à Igreja de Deus? Quando falamos aos crentes, ao dizer que uma parte deles chegou à fé, parece que ofendemos os outros, ao passo que podemos dizer, sem ofender ninguém, que os desígnios bem estabelecidos da vontade divina, com relação à predestinação, foram que, deixando de ser infiéis, vocês chegassem à fé, após terem recebido a vontade de obedecer e estes mesmos desígnios são que hoje vocês recebam a perseverança e permaneçam na fé.

59. Da mesma forma, devemos evitar pronunciar as palavras que seguem aquelas que acabamos de citar: *Vocês, pelo contrário, que até o presente ainda estão retidos nas delícias do pecado, se ainda não saíram deste estado é por que a graça, mesmo sendo misericordiosa, ainda não os atraiu*. É muito melhor e mais conveniente utilizar estes termos: *Se alguns de vocês ainda estão retidos nas delícias culpáveis do pecado, que abracem um estilo de vida saudável, mas, quando tiverem feito isso, não se envaideçam por causa de seu ato, como se ele pertencesse a vocês. Não se glorifiquem como se ele não fosse o efeito da graça que receberam, "Porque é Deus quem, segundo o seu benepláci-*

to, realiza em vós o querer e o executar"[170] *e seus passos são dirigidos pelo Senhor, para que permaneçam sempre em seus caminhos*[171]*. Através de sua própria corrida no caminho do bem e da justiça, saibam que vocês pertencem à predestinação da graça divina.*

60. O mesmo acontece para estas palavras: *No entanto, se alguns de vocês, embora Deus, por sua graça, os tenha predestinado para serem eleitos, mas até o presente ainda não foram chamados, vocês receberão a mesma graça que lhes dará o desejo de estar entre os eleitos e de sê-lo realmente*. Estas palavras lhes parecerão de uma dureza excessiva, se pensarmos que não falamos a pessoas quaisquer, mas à Igreja de Cristo. Por que, com efeito, não se expressar assim: *Se alguns de vocês ainda não foram chamados, rezemos que para que o sejam*? É possível que eles sejam predestinados de tal sorte que seu chamado lhes seja concedido por causa de nossas preces e eles receberão, por este meio, a graça que lhes dará o querer ser eleitos e se tornarem realmente. Pois Deus, que cumpre tudo o que decretou em seus desígnios eternos, nos mandou rezar até mesmo para os inimigos da fé, para precisamente nos fazer compreender que é ele próprio quem dá a crença aos infiéis e que os faz querer o que eles não querem.

61. Quanto às palavras acrescentadas às precedentes, eu me pergunto como pode ser que, no povo cristão, haja uma só pessoa tão fraca

[170] Filipenses 2: 13.
[171] Salmo 36: 23.

de espírito para ouvir, sem ficar indignada, um pregador que diz publicamente: “Vocês que obedecem, se foram predestinados para serem rejeitados, vocês serão privados das forças necessárias para obedecer, para que deixem de praticar a obediência”. Um discurso assim não parece mais ser uma maldição ou, num certo sentido, uma previsão de desgraças? Se agradar ao pregador ou se o pregador se vê obrigado a dizer alguma coisa sobre aqueles que não perseveram, por que, pelo menos, não se expressar da maneira que eu mostrei há pouco?

Primeiro, ele não deve usar estas palavras diretamente a uma parte das pessoas que o ouvem; ele deve apenas usá-las com as outras diante delas. Desta forma, não se deve dizer: “Vocês que obedecem, se estão predestinados para serem rejeitados”, mas sim: “Aqueles que obedecem, se estão predestinados... etc.”, falando na terceira pessoa do verbo e não na segunda. Pois, não se trata nestas palavras de uma coisa desejável, mas abominável e isso é muito duro, é muito odioso jogá-las como um ultraje no rosto dos ouvintes, ao lhes dizer: “Vocês, que talvez obedeçam, se foram predestinados para serem rejeitados, vocês serão privados das forças necessárias para obedecer e deixarão assim de praticar a obediência”. No que o mesmo pensamento ficaria enfraquecido, se fosse dito: “Aqueles que talvez obedeçam, mas que não foram predestinados para o reino de Deus e para sua glória, só possuem uma fidelidade temporária e não perseverarão até o fim na mesma obediência”? Desta forma, se diz a mesma coisa com mais verdade e em termos mais

adequados, pois, não apenas não se parece estar desejando mal aos seus ouvintes, como se parece estar se dirigindo aos outros e assim não se provoca sua indignação. Por este meio, ao invés de pensar que eles próprios estão nesse estado, eles se limitam a esperar e a pedir coisas melhores.

Seu quisermos empregar, com relação à presciência divina, que os nossos adversários não podem certamente negar, o mesmo tipo de discurso que eles acreditam poder empregar com relação à predestinação, poderíamos expressar o mesmo pensamento quase nos mesmos termos e dizer: *Vocês que talvez obedeçam, se foram conhecidos previamente como devendo ser rejeitados, vocês deixarão de obedecer*. Estas palavras, dirão, são muito verdadeiras. Sim, seguramente, mas elas são muito lamentáveis, muito deslocadas e totalmente fora de propósito. Este discurso não é contrário à verdade, mas ele não é aplicado como um remédio próprio para curar o ser humano de suas enfermidades.

62. Eu não creio mesmo que esta maneira de se expressar, que acabamos de dizer que deve ser usada na pregação da predestinação possa bastar a quem fala ao povo; a menos que seja acrescentada a ela algo deste tipo: *Vocês devem, portanto, esperar também que a própria perseverança na obediência lhes será dada pelo Pai das luzes, de quem desce toda graça excelente e todo dom perfeito*[172]. *Vocês devem lhe*

[172] Tiago 1: 17.

pedir diariamente em suas preces e ter confiança, ao agirem assim, que vocês não foram excluídos da predestinação de seu povo, pois é ele mesmo que lhes dá a graça de agir desta maneira. A Deus não agrada que vocês se desesperem, por que ele lhes ordena que não coloquem suas esperanças em vocês mesmos, mas no Senhor. Pois, maldito seja quem coloca sua esperança no ser humano[173]*. Mais vale procurar refúgio no Senhor do que confiar no homem.*[174] *E bem-aventurado são todos aqueles que confiam nele. Mantendo-se nessa esperança, sirva o Senhor com temor e regozije-se nele com tremor*[175]*. Com relação à vida eterna, prometida antes de todos os tempos aos filhos da promissão, por Deus que não mente, ninguém pode ter segurança sobre isso antes da consumação da vida presente, que é uma luta sobre a terra*[176]*. Mas, aquele a quem dizemos todo dia que "Não nos deixeis cair em tentação", nos dará a perseverança nele até o fim desta vida*.

Quando temos este discurso, ou um discurso semelhante a ele, seja diante de um pequeno número de cristãos, seja diante da multidão reunida na Igreja, por que temeríamos pregar que os santos são predestinados e que a graça de Deus é uma graça verdadeira, ou seja, que ela não é dada segundo nossos méritos, como as santas Escrituras ensinam expressamente? Ou então devemos temer que o ser humano se desespe-

[173] Jeremias 17: 5.
[174] Salmo 117: 8.
[175] Salmo 2: 11.
[176] Jó 7: 1.

re, quando lhe dizemos para colocar sua esperança em Deus e acreditar que esse desespero não o atingiria, se ele fosse suficientemente orgulhoso e infeliz para colocar sua esperança nele mesmo?

Capítulo XXIII – A predestinação nas preces da Igreja.

63. Quisera Deus que aqueles cujos corações são tão pesados e que, por causa de sua fraqueza, não podem, ou pelo menos não podem ainda compreender as Escrituras ou as explicações das Escrituras, quisera Deus, eu digo, que eles ouçam ou não ouçam nossas argumentações relativas a essa questão, que eles pelo menos prestem uma atenção mais séria às preces que eles recitam e que, após terem sido empregadas na Igreja desde sua fundação, ainda o serão até o fim dos séculos. Pois, com relação a essa verdade que somos hoje forçados, não somente a lembrar, mas a proteger e defender expressamente contra novos heréticos, a Igreja, em suas preces, jamais guardou silêncio a esse respeito, embora, algumas vezes, ela não tenha acreditado ter que desenvolvê-la nas discussões públicas, por que nenhuma contradição tornou esse desenvolvimento necessário.

Em que época, com efeito, a Igreja deixou de pedir a graça da fé para os infiéis e para seus próprios inimigos? Quando foi que um fiel, que possuísse um amigo, um parente, um esposo infiel, não pediu a Deus que fizesse desse infiel um espírito dócil às verdades da fé cristã? Quem foi que jamais deixou de pedir para si mesmo a graça de perseve-

rar no Senhor? Quando o sacerdote, dirigindo a Deus preces para os fiéis, dizia *Dai-lhes Senhor a perseverança em vós até o fim*, quem foi que ousou lhe dirigir uma reprovação, eu não digo em alta voz, mas mesmo em seu pensamento? Quem foi que, confessando com sua boca o que acreditava em seu coração, não respondeu à benção do sacerdote dizendo: *Assim seja*? Pois, quando eles recitam a Oração Dominical, mas, sobretudo quando pronunciam estas palavras: *Não nos deixeis cair em tentação*, os fiéis não pedem outra coias que não seja perseverar na santa obediência.

Consequentemente, mesmo que a Igreja tenha sempre feito uso dessas preces, desde quando nasceu, ela creditou e ainda credita seus crescimentos na fé à verdade de que a graça de Deus não é dada segundo os méritos daqueles que a recebem. A Igreja não pediria, com efeito, que a fé fosse dada aos infiéis, se ela não acreditasse que é Deus quem converte a ele as vontades humanas, quando elas estão afastadas ou mesmo são inimigas dele. Ela não pediria a perseverança na fé do Cristo, sem ser enganada ou vencida pelas tentações do mundo, se ela não acreditasse que o Senhor tem tanto nosso coração em seu poder que o próprio bem que realizamos por nossa própria vontade, não poderia ser realizado se Deus não nos desse essa vontade. Pois, se a Igreja, que pede a Deus essas graças, acreditasse que ela as recebe por ela mesma, suas preces não seriam preces verdadeiras, mas preces de zombaria, o que não agrada a Deus. Como, com efeito, se poderia pleitear sincera-

mente, com o desejo de receber uma coisa que se pede ao Senhor, se se pensa que se recebe tal coisa por si mesmo e não pelo Senhor?

64. Sobretudo quando o Apóstolo diz: *Não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis. E aquele que perscruta os corações sabe o que deseja o Espírito, o qual intercede pelos santos, segundo Deus*[177]. O que querem dizer estas palavras: *mas o Espírito mesmo intercede por nós*, se não é o espírito faz pedir, *com gemidos inefáveis*, mas sinceros, pois o Espírito é verdade?

É dele, com efeito, que o Apóstolo fala em outro lugar: *Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!*[178] Aqui também, o que significam as palavras *O Espírito clama*, se não é que o *Espírito faz clamar*, por uma metáfora semelhante àquela que nos permite dizer *um dia feliz*, para *um dia que nos faz feliz*? O mesmo Apóstolo explica claramente essa verdade, quando diz, em outro lugar: *Não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai!*[179] Um pouco antes ele havia dito: *O Espírito que clama* e aqui ele diz *O Espírito pelo qual clamamos*, mostrando assim em qual sentido

[177] Romanos 8: 26 e 27.
[178] Gálatas 4: 6.
[179] Romanos 8: 15.

ele fala *O Espírito que clama*, ou seja, como eu já expliquei, no sentido das palavras *O Espírito que nos faz clamar*.

Isto nos faz entender que é também por um dom de Deus que clamamos a ele interiormente e na sinceridade de nossos corações. Que nossos adversários considerem então o quanto nos enganamos quando pensamos que temos por nós mesmos e sem ter recebido de ninguém o poder de pedir, buscar, bater à porta. Quando se diz que a graça é precedida por nossos méritos, no sentido de que ela é o resultado todas as vezes que recebemos o objeto de nossos pedidos, que encontramos o que buscamos e que a porta se abre aos nossos esforços; quando, enfim, não se quer compreender que isso é também um benefício de Deus, que nós rogamos, ou seja, que nós pedimos, que nós buscamos e a cuja porta batemos. Pois, nós recebemos o espírito de adoção, pelo qual clamamos *Abba, Pai!* O bem-aventurado Ambrósio também compreendeu assim, pois, ele diz[180]: *É uma graça espiritual até mesmo rogar a Deus. Assim, está escrito que "ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor, senão sob a ação do Espírito Santo"*[181].

65. Assim, esses dons que a Igreja pede ao Senhor e que ela não deixou de lhe pedir desde o primeiro dia de sua fundação, Deus, em sua presciência, previu que ele os daria a seus eleitos, mas, de tal sorte que, pela própria predestinação ele já os deu. Isto é o que o Apóstolo declara,

[180] Em seu Comentário sobre Isaías.
[181] 1 Coríntios 12: 3.

da maneira mais explícita. Escrevendo a Timóteo, ele diz: *Sofre comigo pelo Evangelho, fortificado pelo poder de Deus. Deus nos salvou e chamou para a santidade, não em atenção às nossas obras, mas em virtude do seu desígnio, da graça que desde a eternidade nos destinou em Cristo Jesus e agora nos manifestou mediante a aparição de nosso Salvador Jesus Cristo*[182].

Que esses então ensinem que essa doutrina da predestinação e da graça __ hoje em dia defendida com cuidados mais atentos contra novos heréticos __ nem sempre fez parte da fé da Igreja. Que esses, repito, tenham esse discurso; que ousem ensinar também que a Igreja nem sempre rezou, ou, no mínimo, não rezou sinceramente, tanto pela conversão dos infiéis, quanto pela perseverança dos fiéis. Se a Igreja sempre pediu esses bens em suas preces, necessariamente ela também sempre acreditou que eles são dons de Deus e jamais lhe foi permitido negar que eles eram conhecidos pela presciência divina. Daí se segue que, em tempo algum a fé nessa predestinação, defendida hoje em dia com uma nova solicitude contra novos heréticos, foi estranha à Igreja de Cristo.

Capítulo XXIV – Modelo de predestinação: o próprio Jesus.

66. Mas, por que me estender mais? Eu creio ter mostrado suficientemente e até mesmo mais do que suficientemente, que começar a

[182] 2 Timóteo 1: 8-10.

acreditar no Senhor e perseverar com ele até o fim, são dois dons de Deus. Quanto aos outros bens relativos à vida pia, pela qual se presta a Deus as homenagens dignas dele, aqueles mesmos por causa dos quais escrevemos estas linhas reconhecem que esses bens são dons de Deus. Por outro lado, não lhes é possível negar que Deus, em sua presciência, conheceu todos esses dons e as pessoas a quem ele devia concedê-los.

Consequentemente, da mesma forma se deve pregar os outros dons de Deus, para que aquele que faz essa pregação seja ouvido com espírito de obediência; da mesma forma também se deve pregar a predestinação, para que aquele que ouve essa pregação com espírito submisso se glorifique, não no ser humano e, por consequência, não nele mesmo, mas no Senhor, pois isto aqui também é um preceito do Senhor e ouvir com espírito submisso o preceito *quem se gloria, glorie-se no Senhor*[183] é também um dom de Deus semelhante aos outros. Àquele que não tem esse dom, eu não hesito em dizer que, quaisquer que sejam os outros dons que ele possua, ele os possui inutilmente. Nossos votos são, com relação aos pelagianos, que eles cheguem a possuí-lo. Com relação a nossos discípulos fiéis, que eles o possuam de uma maneira mais abundante.

Não sejamos então ardentes para a discussão e preguiçosos para a prece. Rezemos, meus caríssimos, rezemos para que o Deus da graça dê

[183] 1 Coríntios 1: 31.

até mesmo aos nossos inimigos, mas sobretudo aos nossos irmãos e amigos, a compreensão e a confissão de que ninguém __ após a queda profunda e inexprimível que todos nós sofremos na pessoa de um só __ pode ser libertado, se não for através da graça de Deus e que essa graça não é paga como uma recompensa devida aos méritos daqueles que a recebem, mas que ela lhes é dada gratuitamente como uma graça verdadeira, sem nenhum mérito precedente de sua parte.

67. Por fim, ninguém nos oferece um exemplo mais ilustre de predestinação do que o próprio Jesus Cristo. Eu já estabeleci no primeiro livro[184] e quis lembrar isso mais uma vez no fim deste: ninguém nos oferece um exemplo mais ilustre de predestinação do que o próprio Mediador. Todo fiel que queira formar uma justa ideia da predestinação considere atentamente Jesus Cristo e, em Jesus Cristo, ele próprio se encontrará. Todo fiel, repito, que acredita e confessa que em Jesus Cristo a natureza humana, ou seja, nossa natureza, embora tenha sido tomada pelo Verbo Divino de uma maneira individual, foi, no entanto, elevada à dignidade sublime do Filho único de Deus, de tal sorte que, aquele que tomou e o que foi tomado por ele são uma única pessoa na Trindade. Pois essa união do humano com o Verbo não formou uma quaternidade. A Trindade subsiste como antes e a unidade da pessoa no Deus-Humano foi o resultado inefável dessa união.

[184] *A Predestinação dos Santos*. Seções 30 e 31.

Com efeito, não dizemos que o Cristo é Deus apenas, como pretendem os heréticos maniqueus; não dizemos que ele é humano somente, como pretendem os heréticos potinianos; não dizemos também que ele é humano, mas que, como humano, lhe faltam certos detalhes essenciais à natureza humana, como, por exemplo, que lhe falta uma alma, ou então que sua alma é desprovida de um espírito racional, ou então que sua carne, ao invés de ter sido formada do sangue de uma mulher, foi formada do Verbo, mudado e transformado em carne. Estas três opiniões, tão falsas quanto pueris, dividiram os heréticos apolinaristas em três grupos diferentes e até mesmo opostos. Nós dizemos, pelo contrário, que Cristo é Deus verdadeiro, nascido de Deus Pai, sem nenhum começo temporal; que esse mesmo Cristo é humano verdadeiro, nascido de uma mãe humana em uma certa plenitude dos tempos e que a humanidade do Cristo, pela qual ele é inferior ao Pai, não impede em nada à sua divindade, pela qual ele é igual ao Pai. Esse Homem-Deus é, no entanto, um só Cristo, o qual, na condição de Deus, disse, em termos perfeitamente verdadeiros: *Eu e o Pai somos um*[185]. E, com a mesma verdade, na condição de humano: *O Pai é maior do que eu*[186]. Aquele então que formou esse homem da descendência de Abraão e lhe deu, sem nenhum mérito precedente de sua vontade, uma justiça que ele não devia jamais perder, é o mesmo que torna justos aqueles que não o são,

[185] João 10: 30.
[186] João 14: 28.

sem nenhum mérito precedente de sua vontade pessoal, para que o primeiro seja o chefe e estes sejam seus membros. Aquele que deu a esse homem, sem nenhum mérito precedente de sua parte, não receber em sua origem e não cometer por sua vontade nenhum pecado que necessitasse de perdão, é o mesmo que dá aos outros humanos, sem nenhum mérito precedente de sua parte, acreditar nele, para remeter a ele todos seus pecados. Aquele que formou esse homem, de uma maneira tal que ele jamais terá uma vontade má, é o mesmo que torna boa a vontade má dos membros desse homem. Ele, portanto, o predestinou e a nós mesmos, pois, se ele previu que esse homem se tornaria nosso chefe e que nós nos tornaríamos seu corpo, ele previu estas duas coisas não como devendo ser a recompensa de méritos anteriores de nossa parte, mas como devendo ser suas próprias obras.

68. Que aqueles que lerem estas páginas, se as compreenderem, deem graças a Deus. Que aqueles que, pelo contrário, não as compreenderem, dirijam suas preces Àquele cuja face é a fonte da ciência e da inteligência[187], para que ele próprio se torne seu doutor interior. Quanto àqueles que pensam que eu estou enganado, que eles meditem no que eu escrevi com a atenção mais profunda, com a suspeita de que não sejam eles que estão errados. Por mim, quando recebo, não apenas luzes novas, mas até mesmo correções da parte daqueles que leem minhas obras, eu reconheço nisso a misericórdia de Deus com relação a mim. É isto que eu

[187] Provérbios 2: 6.

espero principalmente dos doutores da Igreja, se este livro chegar até suas mãos e eles se dignarem em tomar conhecimento do que eu escrevi nele.

Créditos

Original: *De dono perseverantiae*

© 428: Aurelius Augustinus Hipponensis.
© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Traduzido de: *Du Don de la Persévérance* por Souza Campos, E. L. de.
Tradução do latim de: Abade BARDOT *in Oeuvres complètes de Saint Augustin, sous la direction de M. Raulx, Tome XVI ème, Bar-le-Duc, 1871.*

Conteúdo

O dom da perseverança._____ 2

Introdução _____ 2

Capítulo I – O que se entende aqui por perseverança._____ 2

Capítulo II – A perseverança é um dom de Deus. Testemunhos de São Paulo, de São Pedro e de São Cipriano, explicando a oração dominical._____ 4

Capítulo III – Terceiro pedido da oração dominical._____ 10

Capítulo IV – Quarto pedido._____ 12

Capítulo V – Últimos pedidos._____ 13

Capítulo VI – Não se pode perder, mas se pode obter a perseverança. _____ 15

Capítulo VII – Deus quer que se lhe peça a perseverança, em nome de Jesus Cristo._____ 20

Capítulo VIII – Deus dá a uns a graça por que ele é misericordioso e a recusa a outros sem ser injusto. _____ 24

Capítulo IX – Os julgamentos de Deus são impenetráveis.___ 30

Capítulo X – Por que o Senhor não fez seus grandes milagres em Tiro e em Sidônia. _____ 36

Capítulo XI – A sorte reservada por Deus às criancinhas.____ 38

Capítulo XII – A graça de Deus é puramente gratuita. _____ 44

Capítulo XIII – A graça é dada absolutamente segundo a vontade de Deus. _____ 51
Capítulo XIV – O dogma da predestinação não inutiliza a pregação. _____ 55
Capítulo XV – Pode-se abusar do dogma da presciência divina, como do dogma da predestinação. _____ 63
Capítulo XVI – Quando se deve pregar e quando se deve omitir a verdade. _____ 66
Capítulo XVII – O dogma da predestinação não deve também impedir a exortação à virtude, tanto quanto o dogma da graça em geral._____ 70
Capítulo XVIII – A presciência e a predestinação. _____ 80
Capítulo XIX – A predestinação ensinada por São Cipriano, Santo Ambrósio, São Gregório de Nazianzo. _____ 82
Capítulo XX – Antes mesmo da heresia de Pelágio, Agostinho ensinava a predestinação._____ 89
Capítulo XXI – Que ingratidão é negar a graça! _____ 92
Capítulo XXII – A maneira de pregar ao povo a predestinação.97
Capítulo XXIII – A predestinação nas preces da Igreja. ____ 104
Capítulo XXIV – Modelo de predestinação: o próprio Jesus. 108
Créditos _____ 114
Conteúdo _____ 115